UNE ✦ SACRA

Clássicos Cristãos

Regra de São Bento

✦ ✦ ✦

São Bento de Núrsia

Tradução (edição 1.3)

Créditos

Autor	São Bento de Núrsia
Data	c. 530–540
Idioma original	Latim
Versão	Tradução (edição 1.3)
Tradução	Tradução popular, a partir do inglês de Boniface Verheyen
Fonte	Christian Classics Ethereal Library
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Regra escrita por São Bento de Núrsia (c. 480–547) por volta de 530–540 para os monges do mosteiro de Monte Cassino, no sul da Itália.

Em um prólogo e 73 capítulos curtos, ela organiza toda a vida da comunidade: o papel do abade, a obediência, o silêncio e os doze graus da humildade; a ordem dos salmos no Ofício Divino, dia e noite; as faltas e as correções; as refeições, o sono, o trabalho manual e a leitura; a acolhida dos hóspedes, dos pobres e dos noviços.

O lema que a tradição tirou dela é "ora et labora" — reza e trabalha. Pelo equilíbrio e pelo bom senso, a Regra se tornou a base da vida monástica no Ocidente: no tempo de Carlos Magno foi adotada em quase todos os mosteiros, e ainda hoje é seguida por beneditinos, cistercienses e trapistas. São Bento é padroeiro da Europa.

Fonte: https://ccel.org/ccel/benedict/rule

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Prólogo

1 — Dos tipos de monges e da sua vida

2 — Como deve ser o abade

3 — De chamar os irmãos a conselho

4 — Os instrumentos das boas obras

5 — Da obediência

6 — Do silêncio

7 — Da humildade

8 — Do Ofício Divino durante a noite

9 — Quantos salmos se devem dizer no ofício da noite

10 — Como se deve dizer o ofício no tempo de verão

11 — Como se deve dizer o ofício da noite aos domingos

12 — Como se devem dizer as Laudes

13 — Como se devem dizer as Laudes nos dias de semana

14 — Como se deve dizer o ofício da noite nas festas dos santos

15 — Em que tempos se deve dizer o Aleluia

16 — Como se deve fazer o Ofício Divino durante o dia

17 — Quantos salmos se devem cantar nessas horas

18 — Em que ordem se devem dizer os salmos

19 — Do modo de recitar o Saltério

20 — Da reverência na oração

21 — Dos decanos do mosteiro

22 — Como os monges devem dormir

23 — Da excomunhão pelas faltas

24 — Qual deve ser a medida da excomunhão

25 — Das faltas mais graves

26 — Dos que, sem ordem do abade, se juntam aos excomungados

27 — Quanto cuidado o abade deve ter com os excomungados

28 — Dos que, corrigidos muitas vezes, não se emendam

29 — Se os irmãos que saem do mosteiro devem ser recebidos de novo

30 — Como se devem corrigir os meninos

31 — Como deve ser o celeireiro do mosteiro

32 — Das ferramentas e dos bens do mosteiro

33 — Se os monges devem ter alguma coisa de seu

34 — Se todos devem receber igualmente o necessário

35 — Dos que servem na cozinha a cada semana

36 — Dos irmãos doentes

37 — Dos velhos e das crianças

38 — Do leitor da semana

39 — Da quantidade de comida

40 — Da quantidade de bebida

41 — A que horas os irmãos devem fazer as refeições

42 — Que ninguém fale depois das Completas

43 — Dos que chegam atrasados ao Ofício Divino ou à mesa

44 — Dos excomungados: como dão satisfação

45 — Dos que erram no oratório

46 — Dos que faltam em quaisquer outras coisas

47 — Do sinal para a hora do Ofício Divino

48 — Do trabalho diário

49 — Da observância da Quaresma

50 — Dos irmãos que trabalham longe do oratório ou estão em viagem

51 — Dos irmãos que não vão para muito longe

52 — Do oratório do mosteiro

53 — Da recepção dos hóspedes

54 — Se o monge deve receber cartas ou qualquer outra coisa

55 — Das roupas e do calçado dos irmãos

56 — Da mesa do abade

57 — Dos artesãos do mosteiro

58 — Do modo de admitir os irmãos

59 — Dos filhos dos nobres e dos pobres que são oferecidos

60 — Dos sacerdotes que queiram viver no mosteiro

61 — Como se devem receber os monges estrangeiros

62 — Dos sacerdotes do mosteiro

63 — Da ordem no mosteiro

64 — Da eleição do abade

65 — Do prior do mosteiro

66 — Do porteiro do mosteiro

67 — Dos irmãos que são enviados em viagem

68 — Se a um irmão se mandarem coisas impossíveis

69 — Que no mosteiro ninguém se atreva a defender outro

70 — Que ninguém se atreva a bater em outro

71 — Que os irmãos obedeçam uns aos outros

72 — Do bom zelo que os monges devem ter

73 — De que nem toda a prática da justiça está estabelecida nesta Regra

PRÓLOGO

✦

Escuta, ó filho, os preceitos do mestre e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e cumpre fielmente os conselhos de um pai amoroso, para que, pelo trabalho da obediência, voltes Àquele de quem te afastaste pela preguiça da desobediência.

A ti, portanto, se dirige agora a minha palavra, a ti que, renunciando à tua própria vontade, tomas as fortíssimas e nobres armas da obediência para combater por Cristo Senhor, o verdadeiro Rei.

Antes de tudo, pede-Lhe com oração muito insistente que leve à perfeição todo bem que começares, para que Aquele que se dignou contar-nos no número de seus filhos nunca tenha de se entristecer com as nossas más ações. Pois devemos servi-Lo em todo tempo com os bens que Ele nos deu, de tal modo que não venha, como um pai irritado, a deserdar os seus filhos, nem, como um senhor temível, irado com as nossas más ações, a entregar-nos ao castigo eterno como servos muito maus, que não quiseram segui-Lo para a glória.

Levantemo-nos, pois, enfim, já que a Escritura nos desperta, dizendo: "Já é hora de despertarmos do sono"; e, abertos os olhos para a luz divina, ouçamos com ouvidos atentos o que a voz de Deus, clamando todos os dias, nos adverte, dizendo: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações".

E ainda: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça o que o Espírito diz às igrejas". E que diz Ele? — "Vinde, filhos, escutai-me; eu vos ensinarei o temor do Senhor". "Correi enquanto tendes a luz da vida, para que as trevas da morte não vos surpreendam".

E o Senhor, procurando o seu operário no meio da multidão do povo a quem dirige estas palavras, diz ainda: "Quem é o homem que deseja a vida e quer ver dias felizes?"

Se, ouvindo isto, respondes: "Sou eu", Deus te diz: "Se queres ter a vida verdadeira e eterna, guarda a tua língua do mal e os teus lábios de falarem mentira; afasta-te do mal e faze o bem; procura a paz e segue-a". E quando tiverdes feito estas coisas, os meus olhos estarão sobre vós e os meus ouvidos atentos às vossas orações. E antes que me invoqueis, eu vos direi: "Eis-me aqui".

Que há de mais doce para nós, irmãos caríssimos, do que esta voz do Senhor que nos convida? Vede como, na sua bondade, o Senhor nos mostra o caminho da vida. Por isso, cingidos os nossos rins com a fé e com a prática das boas obras, sigamos os seus caminhos sob a guia do Evangelho, para que mereçamos ver Aquele que nos chamou ao seu reino.

Se queremos habitar na tenda do seu reino, de modo nenhum chegaremos lá se não corrermos para lá por meio das boas obras. Mas perguntemos ao Senhor com o Profeta, dizendo-Lhe: "Senhor, quem habitará na tua tenda, ou quem repousará no teu santo monte?"

Depois desta pergunta, irmãos, ouçamos o Senhor que responde e nos mostra o caminho desta tenda, dizendo: "Aquele que anda sem mancha e pra-

tica a justiça; que fala a verdade em seu coração; que não usou de engano com a sua língua, nem fez mal ao seu próximo, nem lançou afronta contra o seu próximo"; aquele que reduziu a nada o demônio imundo que o tentava, expulsando-o do seu coração junto com a tentação, e que tomou os seus maus pensamentos enquanto ainda eram fracos e os despedaçou contra Cristo; os que, temendo o Senhor, não se envaidecem da sua boa vida, mas, sabendo que o bem que há neles não pode ser feito por eles mesmos, e sim pelo Senhor, louvam o Senhor que neles opera, dizendo com o Profeta: "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória".

Assim também o apóstolo Paulo não atribuiu a si mesmo nenhum mérito da sua pregação, dizendo: "Pela graça de Deus sou o que sou". E diz ainda: "Quem se gloria, glorie-se no Senhor".

Por isso o Senhor também diz no Evangelho: "Quem ouve estas minhas palavras e as põe em prática será comparado ao homem sábio que construiu a sua casa sobre a rocha; vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa, e ela não caiu, porque estava fundada sobre a rocha".

Cumprindo estas palavras, o Senhor espera de nós, dia após dia, que respondamos com as nossas obras às suas santas advertências. Por isso os dias da nossa vida nos são prolongados como uma trégua para a emenda dos erros da vida presente, como diz o Apóstolo: "Não sabes que a paciência de Deus te conduz à penitência?" Pois o bom Senhor diz: "Não quero a morte do pecador, mas que ele se converta e viva".

Agora, irmãos, que perguntamos ao Senhor quem há de habitar na sua tenda, ouvimos as condições para habitar nela; e, se cumprirmos os deveres

de quem ali mora, seremos herdeiros do reino dos céus.

É preciso, portanto, que os nossos corações e os nossos corpos estejam prontos para combater sob as ordens da santa obediência; e peçamos ao Senhor que supra, com o auxílio da sua graça, o que para nós é impossível por natureza.

E se, fugindo das penas do inferno, desejamos chegar à vida eterna, então, enquanto ainda há tempo, enquanto estamos neste corpo e podemos cumprir todas estas coisas durante a vida presente, devemos apressar-nos a fazer agora o que nos será útil para sempre.

Vamos, pois, fundar uma escola do serviço do Senhor, na qual esperamos não estabelecer nada de áspero nem de pesado. Mas, se a reta razão, para corrigir os vícios ou conservar a caridade, mandar alguma coisa um pouco mais rigorosa, não fujas logo, assustado, do caminho da salvação, cujo começo não pode deixar de ser estreito.

Mas, à medida que avançarmos na vida religiosa e na fé, correremos pelo caminho dos mandamentos de Deus com o coração dilatado e com a inefável doçura do amor; de modo que, nunca nos afastando da sua orientação e perseverando no mosteiro na sua doutrina até a morte, participemos pela paciência dos sofrimentos de Cristo e mereçamos ser coerdeiros do seu reino.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

1 — DOS TIPOS DE MONGES E DA SUA VIDA

✦

É bem sabido que há quatro tipos de monges. O primeiro tipo é o dos cenobitas, isto é, dos que vivem num mosteiro, sob uma regra e um abade.

O segundo tipo é o dos anacoretas, ou eremitas, isto é, daqueles que, já não no primeiro fervor da conversão, mas ensinados por longa prática no mosteiro e pela ajuda de muitos irmãos, já aprenderam a lutar contra o demônio; e, saindo bem treinados das fileiras dos irmãos para o combate solitário no deserto, são capazes, com a ajuda de Deus, de enfrentar sozinhos, sem a ajuda de outros, os vícios da carne e os maus pensamentos.

Mas um terceiro tipo de monges, o mais detestável, é o dos sarabaítas, que não foram provados por nenhuma regra sob a mão de um mestre, como o ouro é provado no fogo; mas, moles como o chumbo e ainda fiéis ao mundo pelas suas obras, são conhecidos por mentir a Deus com a sua tonsura. Vivendo dois a dois, três a três, ou mesmo sozinhos, sem pastor, encerrados não no redil do Senhor, mas no seu próprio, têm por lei a satisfação dos seus desejos; pois o que resolvem fazer chamam de santo, e o que não lhes agrada consideram ilícito.

Mas o quarto tipo de monges é o dos chamados giróvagos, que passam a vida inteira indo de uma província a outra, hospedando-se três ou quatro dias de cada vez em diferentes celas. Sempre andando e nunca estáveis, entregam-se às suas paixões e aos desejos do apetite, e são em tudo piores que

os sarabaítas. É melhor passar em silêncio sobre todos esses do que falar da sua vida miserável.

Deixando-os, pois, de lado, passemos, com a ajuda de Deus, a estabelecer uma regra para o tipo mais valoroso de monges, os cenobitas.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

2 — COMO DEVE SER O ABADE

✦

O abade que é digno de governar um mosteiro deve lembrar-se sempre do nome que tem e fazer as suas obras corresponderem ao seu título de superior. Pois se crê que ele ocupa o lugar de Cristo no mosteiro, já que é chamado pelo nome dele, segundo a palavra do Apóstolo: "Recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Abba (Pai)".

Por isso o abade nunca deve ensinar, estabelecer ou mandar (Deus nos livre) nada contrário às leis do Senhor; mas as suas ordens e o seu ensino devem penetrar no espírito dos discípulos como um fermento da justiça divina.

Tenha sempre presente o abade que, no temível juízo de Deus, terá de prestar contas tanto do seu ensino quanto da obediência dos seus discípulos. E saiba o abade que toda falta de proveito que o dono da casa encontrar nas ovelhas será atribuída à culpa do pastor.

Por outro lado, ele será inocente se tiver dedicado todo o cuidado de pastor ao seu rebanho inquieto e indócil e tiver feito todo o esforço para corrigir os seus maus costumes; de modo que o pastor, absolvido no tribunal do Senhor, possa dizer ao Senhor com o Profeta: "Não escondi a tua justiça no meu coração; anunciei a tua verdade e a tua salvação".

"Mas eles, com desdém, me desprezaram". Então, enfim, a morte eterna será o castigo esmagador das ovelhas rebeldes confiadas aos seus cuidados.

Quando, portanto, alguém recebe o nome de abade, deve governar os seus discípulos com um duplo ensino; isto é, deve mostrar-lhes tudo o que é bom e santo mais pelas obras do que pelas palavras: explicar os mandamentos de Deus com palavras aos discípulos inteligentes, mas mostrar os preceitos divinos com as suas obras aos de entendimento lento e aos simples.

E mostre com as suas ações que não se deve fazer aquilo que ensina aos discípulos como contrário à lei de Deus, "para que não aconteça que, tendo pregado aos outros, ele mesmo venha a ser reprovado", e que, pecando ele mesmo, Deus lhe diga um dia: "Por que anuncias as minhas leis e tomas a minha aliança na tua boca?

Tu, porém, odiaste a disciplina e lançaste as minhas palavras para trás de ti". E ainda: "Tu, que viste o cisco no olho do teu irmão, não viste a trave no teu".

Não faça distinção de pessoas no mosteiro. Não ame um mais que outro, a não ser aquele que achar mais exemplar nas boas obras e na obediência. Não se prefira o nascido livre ao que veio da escravidão, a não ser que haja outra causa razoável.

Mas se, por justa razão, o abade julgar conveniente fazer essa distinção, poderá fazê-lo quanto à posição de qualquer um; de outro modo, cada um conserve o seu lugar; pois, escravos ou livres, somos todos um em Cristo e carregamos todos o mesmo peso de serviço sob um único Senhor, "porque em Deus não há acepção de pessoas".

Só nisto somos distinguidos diante dele: se formos achados superiores aos outros nas boas obras e na humildade. Tenha, por conseguinte, igual cari-

dade para com todos e aplique a todos a mesma disciplina, segundo o mérito de cada um.

Pois no seu ensino o abade deve observar sempre aquela regra do Apóstolo em que diz: "Repreende, suplica, censura", isto é, misturando a brandura com a severidade, conforme a ocasião pedir, mostre o rigor do mestre e o afeto amoroso do pai. Deve repreender com dureza os indisciplinados e inquietos; mas deve exortar os obedientes, mansos e pacientes a progredir na virtude.

Quanto aos negligentes e soberbos, mandamos que os repreenda e castigue. Não feche os olhos aos pecados dos que fazem o mal; mas, logo que aparecerem, faça todo o possível para cortá-los pela raiz, lembrando-se da sorte de Heli, o sacerdote de Silo.

Os bem-dispostos e de bom entendimento, corrija-os na primeira e na segunda advertência só com palavras; mas castigue os maus e duros de coração, os soberbos e desobedientes, logo na primeira falta, com açoites e outros castigos corporais, sabendo que está escrito: "O insensato não se corrige com palavras". E ainda: "Bate no teu filho com a vara e livrarás a sua alma da morte".

O abade deve lembrar-se sempre do que é e de como é chamado, e saber que daquele a quem muito foi confiado muito será exigido; e compreenda quão difícil e árdua é a tarefa que assume de governar almas e de se adaptar a temperamentos tão diversos. Ajuste-se e acomode-se de tal modo a cada um — a um com palavras brandas, a outro com repreensões, a outro ainda com súplicas, a cada um segundo o seu feitio e entendimento — que não

apenas não sofra perda no seu rebanho, mas possa alegrar-se com o crescimento de um bom redil.

Acima de tudo, para que o abade não descuide nem despreze o bem das almas que lhe foram confiadas, não se preocupe demais com as coisas passageiras, terrenas e perecíveis; mas considere sempre que assumiu o governo de almas, das quais terá de prestar contas.

E para que não se queixe talvez da falta de recursos terrenos, lembre-se do que está escrito: "Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas". E ainda: "Nada falta aos que o temem".

E saiba que quem assume o governo de almas deve preparar-se para prestar contas delas; e, qualquer que seja o número de irmãos que tiver sob os seus cuidados, tenha certeza de que no dia do juízo terá, sem dúvida, de prestar contas ao Senhor por todas essas almas, além da sua própria.

E assim, temendo sempre o futuro exame do Pastor sobre as ovelhas que lhe foram confiadas e vigiando as contas que terá de dar pelos outros, torna-se cuidadoso também consigo mesmo; e, enquanto pelas suas advertências corrige os outros, ele mesmo se livra das suas próprias faltas.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

3 — DE CHAMAR OS IRMÃOS A CONSELHO

✦

Sempre que houver assuntos importantes a tratar no mosteiro, o abade convoque toda a comunidade e exponha ele mesmo a questão. Depois de ouvir o parecer dos irmãos, pondere o assunto consigo mesmo e faça o que julgar melhor. Dissemos que todos devem ser chamados a conselho justamente porque muitas vezes o Senhor revela ao mais jovem o que é melhor.

Os irmãos, porém, deem o seu conselho com humilde submissão e não pretendam defender com teimosia o que lhes parece certo, pois a decisão deve depender antes da vontade do abade, para que todos lhe obedeçam naquilo que ele considerar melhor. Mas, assim como convém aos discípulos obedecer ao mestre, também convém ao mestre dispor todas as coisas com prudência e justiça.

Sigam todos, por conseguinte, a Regra como guia em tudo, e ninguém se afaste dela temerariamente.

Ninguém no mosteiro siga a inclinação do próprio coração, e ninguém ouse discutir com insolência com o seu abade, dentro ou fora do mosteiro. Se alguém ousar fazê-lo, seja submetido à correção da Regra.

O próprio abade, porém, faça tudo no temor do Senhor e por respeito à Regra, sabendo que, sem dúvida nenhuma, terá de prestar contas a Deus, o justíssimo Juiz, de todas as suas decisões.

Se, porém, houver assuntos de menor importância, referentes ao bem do mosteiro, use apenas o conselho dos anciãos, como está escrito: "Faze tudo com conselho, e depois de feito não te arrependerás".

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

4 — OS INSTRUMENTOS DAS BOAS OBRAS

✦

Em primeiro lugar, amar o Senhor Deus de todo o coração, de toda a alma, com todas as forças...

Depois, o próximo como a si mesmo.

Depois, não matar...

Não cometer adultério...

Não roubar...

Não cobiçar.

Não dar falso testemunho.

Honrar todos os homens.

E não fazer a outro o que não quer que lhe façam.

Renunciar a si mesmo para seguir a Cristo.

Castigar o corpo.

Não buscar os prazeres.

Amar o jejum.

Aliviar os pobres.

Vestir os nus...

Visitar os doentes.

Sepultar os mortos.

Socorrer na aflição.

Consolar os que sofrem.

Manter-se afastado dos costumes do mundo.

Nada antepor ao amor de Cristo.

Não ceder à ira.

Não alimentar o desejo de vingança.

Não guardar engano no coração.

Não dar uma falsa paz.

Não abandonar a caridade.

Não jurar, para não acontecer de jurar falso.

Dizer a verdade com o coração e com a boca.

Não pagar o mal com o mal.

Não fazer injúria a ninguém e até suportar com paciência a que nos fazem.

Amar os inimigos.

Não amaldiçoar os que nos amaldiçoam, mas antes abençoá-los.

Suportar a perseguição por causa da justiça.

Não ser soberbo...

Não ser dado ao vinho.

Não ser comilão.

Não ser dorminhoco.

Não ser preguiçoso.

Não ser murmurador.

Não ser difamador.

Pôr a sua esperança em Deus.

Atribuir o bem que vê em si não a si mesmo, mas a Deus.

Quanto ao mal que há em si, esteja convencido de que é seu e atribua-o a si mesmo.

Temer o dia do juízo.

Ter pavor do inferno.

Desejar a vida eterna com todo o anseio espiritual.

Ter a morte diante dos olhos todos os dias.

Vigiar constantemente as ações da nossa vida.

Ter como certo que Deus nos vê em toda parte.

Despedaçar logo contra Cristo os maus pensamentos que surgem no coração.

E revelá-los ao nosso pai espiritual.

Guardar a língua de palavras más e perversas.

Não gostar de falar muito.

Não dizer palavras inúteis ou que provoquem riso.

Não gostar do riso frequente ou ruidoso.

Ouvir de boa vontade as leituras santas.

Dedicar-se com frequência à oração.

Confessar a Deus todos os dias na oração, com gemidos e lágrimas, os pecados passados, e emendar-se deles para o futuro.

Não satisfazer os desejos da carne.

Odiar a própria vontade.

Obedecer em tudo às ordens do abade, mesmo que ele próprio (o que Deus não permita) proceda de outro modo, lembrando aquele preceito do Senhor: "Fazei o que eles dizem; o que eles fazem, não façais".

Não desejar ser chamado santo antes de o ser; mas ser santo primeiro, para que o chamem assim com verdade.

Cumprir todos os dias com obras os mandamentos de Deus.

Amar a castidade.

Não odiar ninguém.

Não ter ciúme; não alimentar inveja.

Não amar a discórdia.

Não amar a soberba.

Honrar os mais velhos.

Amar os mais novos.

Rezar pelos inimigos no amor de Cristo.

Fazer as pazes com o adversário antes do pôr do sol.

E nunca desesperar da misericórdia de Deus. Eis os instrumentos da arte espiritual; se forem usados sem cessar, dia e noite, e aprovados no dia do juízo, merecerão para nós do Senhor aquela recompensa que Ele prometeu: "O olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem subiu ao coração do homem o que Deus preparou para os que o amam". E a oficina em que fazemos com diligência todas estas obras é o recinto do mosteiro e a estabilidade na comunidade.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

5 — DA OBEDIÊNCIA

✦

O primeiro grau da humildade é a obediência sem demora. Ela convém àqueles que, por causa do santo serviço que prometeram, ou por temor do inferno, ou pela glória da vida eterna, não têm nada mais caro que Cristo. Logo que o superior manda alguma coisa, não admitem nenhuma demora em executá-la, como se a ordem viesse do próprio Deus. Deles diz o Senhor: "Assim que ouviu, obedeceu-me". E diz ainda aos que ensinam: "Quem vos ouve, a mim ouve".

Esses, pois, deixando imediatamente o próprio trabalho e renunciando à própria vontade, com as mãos livres e deixando inacabado o que faziam, seguem com o passo pronto da obediência, por meio de obras, a voz de quem manda; e assim, como num mesmo instante, as duas coisas — a ordem do mestre e a obra acabada do discípulo — se cumprem juntas, com a rapidez do temor de Deus, porque os impele o desejo de avançar para a vida eterna.

Por isso tomam o caminho estreito do qual o Senhor diz: "Estreito é o caminho que leva à vida"; de modo que, não vivendo segundo os próprios desejos e prazeres, mas andando segundo o juízo e a vontade de outro, vivem nos mosteiros e desejam ter um abade sobre si.

Esses vivem de verdade aquela máxima do Senhor em que diz: "Não vim fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou".

Essa obediência, contudo, só será agradável a Deus e doce aos homens se o que se manda for feito sem hesitação, sem demora, sem frouxidão, sem res-

mungos nem queixas, porque a obediência prestada aos superiores é prestada a Deus. Pois Ele mesmo disse: "Quem vos ouve, a mim ouve". E os discípulos devem prestá-la de boa vontade, "porque Deus ama quem dá com alegria".

Pois, se o discípulo obedece de má vontade e murmura, não só com os lábios mas também no coração, mesmo que cumpra a ordem, isso não será agradável a Deus, que vê o coração de quem murmura. E por tal ação não ganha recompensa nenhuma; ao contrário, incorre na pena dos murmuradores, se não se emendar devidamente.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

6 — DO SILÊNCIO

✦

Façamos o que diz o Profeta: "Eu disse: vigiarei os meus caminhos, para não pecar com a minha língua; pus uma guarda à minha boca, emudeci, humilhei-me e calei-me até sobre as coisas boas". Aqui o Profeta mostra que, se às vezes devemos deixar de dizer até coisas úteis por amor ao silêncio, muito mais devemos abster-nos das más palavras, por causa do castigo devido ao pecado.

Por isso, dada a importância do silêncio, raramente se dê licença de falar, mesmo aos discípulos perfeitos, ainda que para conversas boas, santas e edificantes, porque está escrito: "No muito falar não evitarás o pecado". E noutro lugar: "A morte e a vida estão em poder da língua". Pois ao mestre cabe falar e ensinar; ao discípulo convém calar e ouvir.

Se, por conseguinte, for preciso pedir alguma coisa ao superior, peça-se com toda a humildade e respeitosa submissão. Quanto às brincadeiras grosseiras e às palavras vãs ou que provocam riso, condenamo-las em toda parte a uma exclusão perpétua; e para tais conversas não permitimos ao discípulo abrir a boca.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

7 — DA HUMILDADE

✦

Irmãos, a Sagrada Escritura clama a nós dizendo: "Todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado". Dizendo isso, mostra-nos que toda exaltação é uma espécie de soberba. O Profeta declara que se guarda dela, dizendo: "Senhor, o meu coração não se ensoberbeceu, nem os meus olhos se elevaram; não andei em grandezas nem em maravilhas acima de mim".

E então? "Se eu não tivesse sentimentos humildes, mas exaltasse a minha alma, como a criança desmamada para com a sua mãe, assim tratarias a minha alma".

Por isso, irmãos, se queremos atingir o cume mais alto da humildade e chegar depressa àquela exaltação celeste à qual se sobe nesta vida pela humildade, então, subindo pelas nossas ações, devemos erguer a escada que apareceu em sonho a Jacó, pela qual lhe foram mostrados anjos que subiam e desciam.

Sem dúvida, entendemos que esse subir e descer não é outra coisa senão que descemos pela soberba e subimos pela humildade. A escada erguida é a nossa vida no mundo presente, que o Senhor levanta até o céu se o coração for humilde.

Pois dizemos que o nosso corpo e a nossa alma são os dois lados dessa escada; e nesses lados o chamado divino colocou vários degraus de humildade e de disciplina, que devemos subir.

O primeiro grau da humildade, então, é que o homem tenha sempre diante dos olhos o temor de Deus, fugindo de todo esquecimento, e que se lembre sempre de tudo o que Deus mandou; que considere sempre no seu espírito como os que desprezam a Deus arderão no inferno pelos seus pecados, e que a vida eterna está preparada para os que temem a Deus. E, guardando-se sempre do pecado e dos vícios do pensamento, da palavra, da ação e da vontade própria, apresse-se também a cortar os desejos da carne.

Considere o homem que Deus o vê sempre do céu, que o olhar de Deus contempla as suas obras em toda parte e que os anjos as relatam a Ele a toda hora. O Profeta nos diz isso quando mostra Deus sempre presente nos nossos pensamentos, dizendo: "Deus sonda os corações e os rins". E ainda: "O Senhor conhece os pensamentos dos homens".

E diz: "Compreendeste de longe os meus pensamentos". E: "O pensamento do homem te louvará". Por isso, para estar sempre atento contra os maus pensamentos, diga sempre o irmão humilde no seu coração: "Serei sem mancha diante dele, se me guardar da iniquidade".

Assim, somos proibidos de fazer a nossa própria vontade, pois a Escritura nos diz: "Afasta-te da tua má vontade". E assim também pedimos a Deus na oração que a sua vontade se faça em nós.

Com razão, por conseguinte, somos ensinados a não fazer a nossa vontade, quando nos guardamos daquilo que diz a Escritura: "Há caminhos que aos homens parecem retos, mas cujo fim mergulha nas profundezas do inferno". E também quando nos enche de pavor o que se diz dos negligentes: "Corromperam-se e tornaram-se abomináveis nos seus prazeres".

Quanto aos desejos da carne, creiamos que Deus está sempre presente a nós, pois o Profeta diz ao Senhor: "Diante de ti está todo o meu desejo".

Devemos, portanto, guardar-nos assim dos maus desejos, porque a morte está postada junto à entrada do prazer. Por isso a Escritura manda, dizendo: "Não vás atrás das tuas paixões".

Se, pois, os olhos do Senhor observam os bons e os maus, e o Senhor olha sempre do céu sobre os filhos dos homens, para ver se há alguém que compreenda ou busque a Deus; e se as nossas ações são relatadas ao Senhor, dia e noite, pelos anjos encarregados de nos guardar, devemos estar sempre vigilantes, irmãos, como diz o Profeta no salmo, para que Deus nunca nos veja "desviados para o mal e tornados inúteis", e para que, tendo-nos poupado no tempo presente, porque é bom e espera que mudemos para melhor, não nos diga no futuro: "Fizeste estas coisas e eu me calei".

O segundo grau da humildade é quando o homem não ama a própria vontade nem tem prazer em satisfazer os próprios desejos, mas cumpre com as obras aquela palavra do Senhor que diz: "Não vim fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou". Diz-se também: "A vontade própria tem o seu castigo, mas a necessidade ganha a coroa".

O terceiro grau da humildade é que, por amor de Deus, o homem se submeta ao superior em toda obediência, imitando o Senhor, de quem diz o Apóstolo: "Fez-se obediente até a morte".

O quarto grau da humildade é que, se forem mandadas coisas duras e desagradáveis, ou mesmo se lhe fizerem injúrias, ele as aceite com paciência e ânimo sereno, e não se canse nem desista, mas persevere, como diz a Escri-

tura: "Quem perseverar até o fim será salvo". E ainda: "Tem coragem no teu coração e espera no Senhor".

E, mostrando que o homem fiel deve suportar pelo Senhor toda coisa desagradável, diz na pessoa dos que sofrem: "Por tua causa somos entregues à morte o dia todo; somos tidos como ovelhas para o matadouro". E, seguros na esperança da recompensa divina, seguem adiante com alegria, dizendo: "Mas em todas essas coisas somos vencedores por aquele que nos amou".

E também noutro lugar diz a Escritura: "Tu, ó Deus, nos provaste; acrisolaste-nos no fogo como se acrisola a prata; fizeste-nos cair na rede, puseste aflições sobre as nossas costas". E, para mostrar que devemos estar sob um superior, continua dizendo: "Puseste homens sobre as nossas cabeças".

E, cumprindo o mandamento do Senhor pela paciência também nas adversidades e injúrias, quando lhes batem numa face, oferecem também a outra; a quem lhes tira a túnica dão também o manto; e, quando obrigados a andar uma milha, andam duas; com o apóstolo Paulo suportam os falsos irmãos e "abençoam os que os amaldiçoam".

O quinto grau da humildade é quando alguém não esconde do seu abade nenhum dos maus pensamentos que surgem no seu coração, nem os males que cometeu às ocultas, mas os confessa com humildade. A isso nos exorta a Escritura, dizendo: "Revela ao Senhor o teu caminho e confia nele". E diz ainda: "Louvai o Senhor, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre".

E o Profeta diz também: "Reconheci diante de ti o meu pecado e não escondi a minha injustiça. Eu disse: confessarei ao Senhor, contra mim

mesmo, a minha injustiça; e tu perdoaste a maldade do meu pecado".

O sexto grau da humildade é quando o monge se contenta com o que há de mais pobre e pior em tudo, e em tudo o que lhe mandam se considera um operário mau e inútil, dizendo com o Profeta: "Fui reduzido a nada e não o sabia; tornei-me como um animal diante de ti, e estou sempre contigo".

O sétimo grau da humildade é quando não só declara com a língua, mas também crê no íntimo da alma, que é o último e o mais vil dos homens, humilhando-se e dizendo com o Profeta: "Eu, porém, sou um verme e não um homem, o opróbrio dos homens e o desprezo do povo". "Fui exaltado, humilhado e confundido". E também: "Foi bom para mim que me humilhasses, para que aprendesse os teus mandamentos".

O oitavo grau da humildade é quando o monge não faz nada senão o que é aprovado pela regra comum do mosteiro e pelo exemplo dos mais velhos.

O nono grau da humildade é quando o monge refreia a língua e, guardando silêncio, não fala até ser interrogado; pois a Escritura mostra que "no muito falar não faltará pecado" e que "o homem de muita língua não se firma na terra".

O décimo grau da humildade é quando o monge não se move facilmente nem está pronto para o riso, pois está escrito: "O insensato levanta a voz ao rir".

O undécimo grau da humildade é que o monge, quando fala, fale com brandura e sem riso, com humildade e seriedade, com poucas palavras e sensatas, e que não fale alto, como está escrito: "O sábio se dá a conhecer pela escassez das palavras".

O duodécimo grau da humildade é quando o monge não só é humilde de coração, mas o deixa transparecer sempre em todo o seu exterior a todos os que o veem; isto é, no Ofício Divino, na horta, em viagem, no campo, ou onde quer que esteja, sentado, andando ou de pé, tenha sempre a cabeça inclinada e os olhos fixos no chão, considerando-se sempre culpado dos seus pecados, pensando que já está diante do temível tribunal de Deus, e dizendo sempre a si mesmo no coração o que o publicano do Evangelho disse com os olhos fixos no chão: "Senhor, sou um pecador e não sou digno de levantar os olhos para o céu"; e ainda com o Profeta: "Estou curvado e humilhado em extremo".

Tendo, pois, subido todos esses graus da humildade, o monge chegará logo àquele amor de Deus que, sendo perfeito, lança fora o temor. Em virtude desse amor, tudo o que antes observava não sem medo começará a guardar sem nenhum esforço e como que naturalmente, pela força do costume, já não por temor do inferno, mas por amor de Cristo, pelo próprio hábito do bem e pelo gosto da virtude. Queira o Senhor manifestar tudo isso, pelo seu Espírito Santo, no seu operário já purificado dos vícios e dos pecados.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

8 — DO OFÍCIO DIVINO DURANTE A NOITE

✦

Levando em conta as circunstâncias, os irmãos se levantarão no tempo de inverno, isto é, das calendas de novembro até a Páscoa, na oitava hora da noite; de modo que, tendo descansado até um pouco depois da meia-noite, se levantem refeitos. O tempo, contudo, que sobrar depois do ofício da noite (Matinas) será empregado no estudo pelos irmãos que ainda têm de aprender alguma parte dos salmos e das leituras.

Mas da Páscoa até as referidas calendas, a hora de celebrar o ofício da noite (Matinas) seja disposta de tal modo que, depois de um intervalo muito curto, durante o qual os irmãos possam sair para as necessidades naturais, siga-se logo o ofício da manhã (Laudes), que deve ser dito ao romper do dia.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

9 — QUANTOS SALMOS SE DEVEM DIZER NO OFÍCIO DA NOITE

✦

No tempo de inverno, dito em primeiro lugar o versículo Deus, in adjutorium meum intende; Domine, ad adjuvandum me festina, diga-se em seguida três vezes Domine, labia mea aperies, et os meum annuntiabit laudem tuam. A isso se acrescentem o terceiro salmo e o Glória. Depois diga-se ou cante-se o salmo 94 com a sua antífona.

Siga-se então um hino e, depois dele, seis salmos com antífonas. Ditos estes e o versículo, o abade dê a bênção. Sentados todos nos bancos, os irmãos leiam alternadamente três leituras do livro que está na estante, e entre elas digam-se três responsórios. Dois dos responsórios sejam ditos sem o Glória; mas, depois da terceira leitura, quem canta diga o Glória.

Quando o cantor começar a cantá-lo, levantem-se todos logo dos seus assentos, em honra e reverência à Santíssima Trindade.

Leiam-se nos ofícios da noite os livros inspirados do Antigo e do Novo Testamento, e também os comentários que deles fizeram os mais célebres Padres ortodoxos e católicos.

Depois dessas três leituras com os seus responsórios, sigam-se outros seis salmos, cantados com Aleluia. Depois deles, siga-se a leitura do Apóstolo, dita de cor, depois o versículo e a invocação da ladainha, isto é, Kyrie eleison. E assim termine o ofício da noite.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10 — COMO SE DEVE DIZER O OFÍCIO NO TEMPO DE VERÃO

✦

Da Páscoa até as calendas de novembro, diga-se toda a salmodia, como foi explicado acima, exceto que, por causa da brevidade das noites, não se leem leituras do livro; mas, em lugar dessas três leituras, diga-se de memória uma do Antigo Testamento. Siga-se a ela um responsório breve, e faça-se todo o resto como foi dito; isto é, que nunca se digam menos de doze salmos no ofício da noite, sem contar o terceiro e o salmo 94.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

11 — COMO SE DEVE DIZER O OFÍCIO DA NOITE AOS DOMINGOS

✦

Para o ofício da noite do domingo os monges devem levantar-se mais cedo. Neste ofício observem-se as seguintes normas: depois de cantados seis salmos e o versículo, como dispusemos acima, e estando todos devidamente sentados nos bancos, cada um na sua ordem, leiam-se do livro quatro leituras com os seus responsórios, como dissemos acima. Só no quarto responsório o cantor diga o Glória, e, logo que o começar, levantem-se todos com reverência.

Depois dessas leituras, sigam-se por ordem, como antes, outros seis salmos com antífonas e o versículo. Depois deles digam-se três cânticos dos Profetas, escolhidos pelo abade, cantados com Aleluia. Dito também o versículo e dada a bênção pelo abade, leiam-se outras quatro leituras do Novo Testamento, na ordem acima indicada.

Mas, depois do quarto responsório, o abade entoe o hino Te Deum laudamus. Dito este, o abade leia a passagem do Evangelho, estando todos de pé com reverência e temor. Lido o Evangelho, todos respondam Amém, e o abade continue logo com o hino Te decet laus; e, dada a bênção, comecem as Laudes.

Observe-se esta ordem do ofício da noite do domingo do mesmo modo em todos os tempos, tanto no verão como no inverno, a não ser que talvez (Deus nos livre) os irmãos se levantem tarde demais e seja preciso encurtar parte das leituras ou dos responsórios. Tome-se todo o cuidado para que

isso não aconteça. Se acontecer, aquele por cuja negligência sucedeu dê por isso a devida satisfação a Deus no oratório.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

12 — COMO SE DEVEM DIZER AS LAUDES

✦

Nas Laudes do domingo, diga-se primeiro o salmo 66, simplesmente, sem antífona. Depois diga-se o salmo 50 com Aleluia; depois o 117 e o 62; em seguida os Benedicite e os Laudate, uma leitura do Apocalipse dita de cor, um responsório, o hino ambrosiano, o versículo e o cântico do Evangelho, a ladainha, e está terminado.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

13 — COMO SE DEVEM DIZER AS LAUDES NOS DIAS DE SEMANA

✦

Nos dias de semana, celebrem-se as Laudes da seguinte maneira: diga-se o salmo 66 sem antífona, prolongando-o um pouco, como no domingo, para que todos cheguem a tempo para o 50, que se diz com antífona.

Depois dele digam-se, segundo o costume, outros dois salmos; isto é, o 5 e o 35 na segunda-feira, o 42 e o 56 na terça, o 63 e o 64 na quarta, o 87 e o 89 na quinta, o 75 e o 91 na sexta, e no sábado o 142 e o cântico do Deuteronômio, que deve ser dividido em dois Glórias.

Nos outros dias, contudo, diga-se o cântico dos Profetas próprio de cada dia, como o canta a Igreja Romana. Depois deles sigam-se os salmos de louvor; depois uma leitura do Apóstolo, dita de memória, o responsório, o hino ambrosiano, o versículo, o cântico do Evangelho, a ladainha, e está terminado.

Por causa dos escândalos que costumam surgir, o ofício da manhã e o da tarde nunca devem terminar sem que o superior diga, no seu lugar, no fim, a Oração do Senhor, de modo que todos a ouçam; para que, em virtude da promessa que os irmãos fazem ao dizer "Perdoai-nos assim como nós perdoamos", se purifiquem das faltas desse tipo.

Nas outras horas que se devem dizer, porém, diga-se em voz alta só a última parte dessa oração, para que todos respondam: "Mas livrai-nos do mal".

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

14 — COMO SE DEVE DIZER O OFÍCIO DA NOITE NAS FESTAS DOS SANTOS

✦

Nas festas dos santos e em todas as solenidades, faça-se o ofício da noite como dissemos que se deve fazer no domingo; exceto que se digam os salmos, as antífonas e as leituras próprias daquele dia; mas mantenha-se o número acima indicado.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

15 — EM QUE TEMPOS SE DEVE DIZER O ALELUIA

✦

Da santa Páscoa até Pentecostes, diga-se o Aleluia sem interrupção, tanto com os salmos quanto com os responsórios; mas de Pentecostes até o início da Quaresma, diga-se todas as noites, nos noturnos, só com os seis últimos salmos. Em todos os domingos fora da Quaresma, porém, digam-se com Aleluia os cânticos, as Laudes, a Prima, a Terça, a Sexta e a Noa. As Vésperas, porém, digam-se com antífona; mas os responsórios nunca se digam com Aleluia, a não ser da Páscoa a Pentecostes.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

16 — COMO SE DEVE FAZER O OFÍCIO DIVINO DURANTE O DIA

✦

Como diz o Profeta: "Sete vezes por dia te louvei", esse sagrado número sete será cumprido por nós assim, se cumprirmos os deveres do nosso serviço nas horas de Laudes, Prima, Terça, Sexta, Noa, Vésperas e Completas; porque foi dessas horas do dia que ele disse: "Sete vezes por dia te louvei".

Pois sobre as vigílias noturnas o mesmo Profeta diz: "À meia-noite eu me levantava para te louvar". Nesses tempos, por conseguinte, ofereçamos louvor ao nosso Criador "pelos juízos da sua justiça", isto é, nas Laudes, Prima, Terça, Sexta, Noa, Vésperas e Completas; e levantemo-nos de noite para louvá-lo.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

17 — QUANTOS SALMOS SE DEVEM CANTAR NESSAS HORAS

✦

Já dispusemos a ordem da salmodia para o ofício da noite e da manhã; disponhamos agora as horas seguintes. Na Prima digam-se três salmos separadamente, e não sob um único Glória. O hino da mesma hora seja dito depois do versículo Deus, in adjutorium, antes de começar os salmos. Depois, terminados os três salmos, diga-se uma leitura, um versículo, o Kyrie eleison e as orações.

Na Terça, na Sexta e na Noa, a oração será dita na mesma ordem, isto é: o versículo, o hino próprio de cada hora, os três salmos, a leitura, o versículo, o Kyrie eleison e as orações. Se a comunidade for numerosa, cantem-se essas horas com antífonas; mas, se for pequena, digam-se seguidamente.

O ofício de Vésperas termine com quatro salmos e antífonas; depois desses salmos recite-se uma leitura, depois um responsório, o hino ambrosiano, um versículo, o cântico do Evangelho, a ladainha, a Oração do Senhor e as orações.

As Completas terminem com a recitação de três salmos, que se dizem seguidos, sem antífona, e depois deles o hino da mesma hora, uma leitura, o versículo, o Kyrie eleison, a bênção e as orações.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

18 — EM QUE ORDEM SE DEVEM DIZER OS SALMOS

✦

No começo diga-se o versículo Deus, in adjutorium meum intende; Domine, ad adjuvandum me festina, e o Glória, seguido do hino de cada hora. Na Prima do domingo, então, digam-se quatro partes do salmo 118. Nas outras horas, isto é, Terça, Sexta e Noa, digam-se três partes do mesmo salmo.

Mas na Prima da segunda-feira digam-se três salmos, isto é, o primeiro, o segundo e o sexto; e assim, cada dia na Prima até o domingo, digam-se três salmos de cada vez, em ordem seguida, até o salmo 19, de modo, porém, que o salmo 9 e o 17 sejam divididos cada um em dois Glórias; e assim acontecerá que no ofício da noite dos domingos se comece sempre pelo salmo 20.

Na Terça, Sexta e Noa da segunda-feira, porém, digam-se as nove partes que restam do salmo 118, três partes em cada uma dessas horas. Distribuído assim o salmo 118 por dois dias, isto é, domingo e segunda-feira, cantem-se na terça-feira, na Terça, Sexta e Noa, três salmos em cada uma, do 119 ao 127, isto é, nove salmos.

Esses salmos serão sempre repetidos nas mesmas horas, do mesmo modo, até o domingo, observando também em todos esses dias uma sequência regular dos hinos, das leituras e dos versículos, de modo que no domingo se comece sempre pelo salmo 118.

Cantem-se as Vésperas todos os dias com quatro salmos. Esses salmos comecem no 109 e vão até o 147, exceto os que são reservados para as outras horas, isto é, do 117 ao 127, o 133 e o 142. Todos os outros devem ser ditos nas Vésperas; e, como faltam três salmos, dividam-se os mais longos dos salmos referidos, isto é, o 138, o 143 e o 144.

Mas, como o 116 é curto, junte-se ao 115. Disposta assim a ordem dos salmos das Vésperas, diga-se o resto, isto é, as leituras, os responsórios, os hinos, os versículos e os cânticos, como determinamos acima.

Nas Completas, porém, repitam-se todos os dias os mesmos salmos, isto é, o 4, o 90 e o 133.

Disposta a ordem do ofício, distribuam-se igualmente todos os outros salmos que restam pelos sete ofícios da noite, dividindo os que forem mais longos de modo que caibam doze a cada noite. Recomendamos especialmente que, se esta distribuição dos salmos por acaso desagradar a alguém, ele os disponha de outro modo, se achar melhor, cuidando de todo modo que se diga todas as semanas o Saltério inteiro de cento e cinquenta salmos e que se recomece sempre do princípio nas Matinas do domingo; porque mostram um serviço frouxo demais na sua devoção os monges que, no decurso de uma semana, cantam menos que o Saltério inteiro com os cânticos de costume; pois lemos que os nossos santos pais cumpriam prontamente num só dia o que nós, monges tíbios, devíamos, queira Deus, fazer ao menos numa semana.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

19 — DO MODO DE RECITAR O SALTÉRIO

✦

Cremos que Deus está presente em toda parte e que os olhos do Senhor contemplam em todo lugar os bons e os maus. Creiamos isso firmemente principalmente quando participamos do Ofício Divino. Lembremo-nos, pois, sempre do que diz o Profeta: "Servi ao Senhor com temor". E ainda: "Cantai com sabedoria". E: "Cantarei louvores a ti diante dos anjos".

Consideremos, portanto, como nos convém comportar-nos diante de Deus e dos seus anjos, e estejamos de tal modo para cantar que a nossa mente esteja de acordo com a nossa voz.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

20 — DA REVERÊNCIA NA ORAÇÃO

✦

Se não ousamos aproximar-nos dos homens poderosos, quando queremos pedir um favor, senão com humildade e reverência, quanto mais devemos suplicar ao Senhor Deus de todas as coisas com toda a humildade e pureza de devoção! E saibamos que não é pelo muito falar, mas pela pureza do coração e pelas lágrimas de compunção que somos ouvidos.

Por isso a oração deve ser breve e pura, a não ser que talvez se prolongue por inspiração da graça divina. Na oração em comum, porém, seja sempre breve, e, dado o sinal pelo superior, levantem-se todos juntos.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

21 — DOS DECANOS DO MOSTEIRO

✦

Se a comunidade for numerosa, escolham-se dentre os irmãos alguns de boa reputação e vida santa e sejam nomeados decanos; e cuidem das suas decanias em tudo, segundo os mandamentos de Deus e as instruções do seu abade. Sejam escolhidos como decanos aqueles com quem o abade possa dividir com segurança o seu peso.

Não sejam escolhidos pela posição, mas pelo mérito da vida e pela sabedoria e ciência; e, se algum deles, inchado de soberba, for achado repreensível e, corrigido uma, duas e até três vezes, se recusar a emendar-se, seja deposto, e ponha-se em seu lugar outro que seja digno. O mesmo determinamos a respeito do prior.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

22 — COMO OS MONGES DEVEM DORMIR

✦

Durmam os irmãos cada um numa cama separada. Recebam a roupa de cama própria do seu modo de vida, segundo a determinação do seu abade. Se for possível, durmam todos num mesmo lugar; mas, se o número não o permitir, durmam em grupos de dez ou de vinte, com os anciãos que cuidam deles. Mantenha-se uma luz acesa no dormitório continuamente até de manhã.

Durmam vestidos e cingidos com cintos ou cordas, para estarem sempre prontos; mas não tenham facas à cintura enquanto dormem, para que não se firam talvez durante o sono; e, dado o sinal, levantando-se sem demora, apressem-se a ir uns à frente dos outros para o Ofício Divino, mas com toda a gravidade e compostura. Os irmãos mais jovens não tenham as camas uns ao lado dos outros, mas misturadas com as dos mais velhos; e, levantando-se para o Ofício Divino, animem-se uns aos outros com delicadeza, por causa das desculpas dos sonolentos.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

23 — DA EXCOMUNHÃO PELAS FALTAS

✦

Se algum irmão for achado teimoso, desobediente, soberbo ou murmurador, ou contrário em alguma coisa à santa Regra e desprezador das ordens dos seus superiores, seja advertido pelos superiores uma e duas vezes em particular, segundo o mandamento de Nosso Senhor. Se não se emendar, seja repreendido publicamente diante de todos. Mas, se nem assim se corrigir, e se entender que pena é essa, seja posto em excomunhão; e, se mesmo então continuar obstinado, sofra castigo corporal.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

24 — QUAL DEVE SER A MEDIDA DA EXCOMUNHÃO

✦

A medida da excomunhão ou do castigo deve ser proporcional à gravidade da falta, e determiná-la fica ao juízo do abade. Se, porém, algum dos irmãos for apanhado em faltas mais leves, seja privado de comer à mesa comum.

Com quem for excluído da mesa comum proceda-se assim: no oratório não entoe salmo nem antífona, nem leia leitura, até ter dado satisfação; tome a sua refeição sozinho, depois da refeição dos irmãos; assim, por exemplo, se os irmãos comem na hora sexta, esse irmão comerá na nona, e se os irmãos comem na nona, ele comerá à tarde, até obter o perdão por uma satisfação conveniente.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

25 — DAS FALTAS MAIS GRAVES

✦

Mas o irmão culpado de falta mais grave seja excluído tanto da mesa quanto do oratório. Nenhum dos irmãos se junte a ele nem lhe fale. Esteja sozinho no trabalho que lhe for mandado, perseverando na tristeza da penitência, lembrando-se da terrível sentença do Apóstolo que diz que "esse homem é entregue para a destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor".

Receba o alimento sozinho, na quantidade e na hora que o abade julgar convenientes; e ninguém que passe por ele o abençoe, nem abençoe o alimento que lhe é dado.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

26 — DOS QUE, SEM ORDEM DO ABADE, SE JUNTAM AOS EXCOMUNGADOS

✦

Se algum irmão se atrever, sem ordem do abade, a juntar-se de qualquer modo a um irmão excomungado, ou a falar com ele, ou a mandar-lhe recado, incorra na mesma pena de excomunhão.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

27 — QUANTO CUIDADO O ABADE DEVE TER COM OS EXCOMUNGADOS

✦

O abade mostre todo cuidado e solicitude para com os irmãos faltosos, porque "não são os sãos que precisam de médico, mas os doentes". Por isso, como um médico prudente, deve aproveitar todas as ocasiões para enviar consoladores, isto é, irmãos mais velhos e discretos, que consolem como que em segredo o irmão vacilante e o levem a dar humilde satisfação; e animem-no, "para que não seja consumido por uma tristeza excessiva"; mas, como diz o mesmo Apóstolo, "confirmai para com ele a vossa caridade"; e todos rezem por ele.

O abade deve empenhar-se ao máximo e esforçar-se com toda a prudência e zelo para que não se perca nenhuma das ovelhas que lhe foram confiadas. Pois o abade deve saber que assumiu o cuidado de almas enfermas, e não uma tirania sobre as sãs; e tema a ameaça do Profeta, em que o Senhor diz: "O que víeis gordo, tomáveis para vós; e o que estava doente, lançáveis fora".

E siga o exemplo amoroso do Bom Pastor, que, deixando as noventa e nove ovelhas nos montes, foi procurar a única que se tinha extraviado, de cuja fraqueza teve tanta compaixão que se dignou pô-la sobre os seus sagrados ombros e assim levá-la de volta ao redil.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

28 — DOS QUE, CORRIGIDOS MUITAS VEZES, NÃO SE EMENDAM

✦

Se um irmão foi corrigido muitas vezes por uma falta, e até excomungado, e não se emenda, aplique-se-lhe uma correção mais severa, isto é, proceda-se contra ele com castigo corporal.

Mas, se nem assim se corrigir, ou se, inchado de soberba, chegar talvez, o que Deus não permita, a defender as suas ações, então o abade proceda como um médico prudente. Depois de aplicar as compressas suaves, os unguentos das advertências, os remédios das Divinas Escrituras, e se, como último recurso, tiver usado o cautério da excomunhão e os golpes do açoite, e vir que nem assim os seus esforços dão resultado, aplique por aquele irmão também o que é mais poderoso que todas essas medidas: a sua própria oração e a dos irmãos, para que o Senhor, que tudo pode, opere a cura daquele irmão.

Mas, se nem desse modo ele sarar, então, por fim, o abade o despeça da comunidade, como diz o Apóstolo: "Tirai o mau do meio de vós"; e ainda: "Se o infiel se vai, que se vá"; para que uma ovelha doente não contamine todo o rebanho.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

29 — SE OS IRMÃOS QUE SAEM DO MOSTEIRO DEVEM SER RECEBIDOS DE NOVO

✦

Se um irmão que sai do mosteiro por sua própria culpa, ou é expulso, quiser voltar, prometa primeiro emendar-se plenamente da falta pela qual saiu; e assim seja recebido no último lugar, para que desse modo se prove a sua humildade. Se sair de novo, seja recebido até uma terceira vez, sabendo que depois disso lhe será negado todo meio de voltar.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

30 — COMO SE DEVEM CORRIGIR OS MENINOS

✦

Cada idade e cada grau de entendimento deve ter a disciplina que lhe convém. Por isso, sempre que meninos, adolescentes ou os que não conseguem compreender quão grave pena é a excomunhão cometerem uma falta séria, sejam castigados com jejuns rigorosos ou disciplinados com castigo corporal, para que se corrijam.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

31 — COMO DEVE SER O CELEIREIRO DO MOSTEIRO

✦

Escolha-se dentre a comunidade, como celeireiro do mosteiro, um homem sábio, de costumes assentados, sóbrio e frugal, não vaidoso, nem irritadiço, nem ressentido, nem lerdo, nem esbanjador, mas temente a Deus, que seja como um pai para toda a comunidade.

Tenha o cuidado de tudo; nada faça sem ordem do abade; faça o que lhe for mandado e não entristeça os irmãos. Se algum irmão por acaso lhe pedir alguma coisa sem razão, não o entristeça com uma recusa fria, mas recuse com delicadeza e humildade a quem pede mal.

Vigie a sua própria alma, lembrando-se sempre da palavra do Apóstolo: "Os que servem bem alcançam para si uma boa posição". Cuide com todo o zelo dos doentes, das crianças, dos hóspedes e dos pobres, sabendo que, sem dúvida, terá de prestar contas de tudo isso no dia do juízo.

Considere todos os utensílios do mosteiro e todos os seus bens como se fossem vasos sagrados do altar. Não descuide de nada, não se entregue à avareza, nem seja pródigo e esbanjador dos bens do mosteiro; mas faça tudo com medida e segundo as ordens do seu abade.

Acima de tudo, seja humilde; e, se não tiver o que dar, responda com uma palavra amável, porque está escrito: "Uma boa palavra vale mais que o melhor presente". Tenha sob o seu cuidado tudo o que o abade lhe confiou, e não se atreva a intrometer-se no que lhe foi proibido.

Dê aos irmãos a ração estabelecida sem altivez e sem demora, para que não se escandalizem, lembrando-se do que a Palavra divina declara merecer quem escandalizar um destes pequeninos: "Melhor seria que lhe pendurassem ao pescoço uma pedra de moinho e o afogassem no fundo do mar".

Se a comunidade for numerosa, deem-se-lhe ajudantes, para que, com o auxílio deles, também ele cumpra com ânimo sereno o ofício que lhe foi confiado. Distribua-se o que deve ser dado e peça-se o que deve ser pedido nas horas devidas, para que ninguém se perturbe nem se entristeça na casa de Deus.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

32 — DAS FERRAMENTAS E DOS BENS DO MOSTEIRO

✦

O abade ponha à frente dos bens do mosteiro — ferramentas, roupas e objetos em geral — irmãos de cuja vida e caráter possa confiar, e confie a eles, como julgar conveniente, todos os objetos que devem ser recolhidos depois do uso e guardados.

O abade tenha uma lista desses objetos, para que, quando os irmãos se sucederem uns aos outros nesses encargos, saiba o que entrega e o que recebe de volta. Se alguém, porém, tratar os bens do mosteiro com desleixo ou descuido, seja repreendido; e, se não se emendar, fique sujeito à disciplina da Regra.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

33 — SE OS MONGES DEVEM TER ALGUMA COISA DE SEU

✦

O vício da propriedade particular deve ser cortado pela raiz no mosteiro, de todos os modos, de forma que ninguém se atreva a dar ou receber coisa alguma sem ordem do abade, nem a ter coisa alguma como sua, nem livro, nem tabuinha de escrever, nem pena, nem qualquer outra coisa, já que aos monges não é permitido ter nem o próprio corpo nem a própria vontade em seu poder.

Tudo o que for necessário, porém, devem esperá-lo do pai do mosteiro; e a ninguém seja permitido ter algo que o abade não lhe tenha dado ou permitido ter. Seja tudo comum a todos, como está escrito. E ninguém chame ou tome coisa alguma como sua.

Mas, se alguém for achado entregando-se a esse vício tão nocivo e, advertido uma e duas vezes, não se emendar, seja submetido a castigo.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

34 — SE TODOS DEVEM RECEBER IGUALMENTE O NECESSÁRIO

✦

Está escrito: "Distribuía-se a cada um segundo a sua necessidade". Com isso não dizemos que se faça acepção de pessoas (Deus nos livre), mas que se tenha consideração pelas fraquezas. Quem precisar de menos, agradeça a Deus e não se entristeça; mas quem precisar de mais, humilhe-se pela sua fraqueza e não se envaideça pela indulgência que lhe mostram; e assim todos os membros estarão em paz.

Acima de tudo, não apareça o mal da murmuração, por motivo nenhum, na menor palavra ou sinal. Se alguém for achado culpado disso, seja submetido a uma disciplina muito severa.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

35 — DOS QUE SERVEM NA COZINHA A CADA SEMANA

✦

Os irmãos sirvam uns aos outros, de modo que ninguém seja dispensado do trabalho da cozinha, a não ser por doença ou por trabalho mais necessário, porque assim se adquire maior mérito e mais caridade. Aos fracos, porém, dê-se ajuda, para que não façam esse trabalho com tristeza; e tenham todos ajuda conforme o tamanho da comunidade e as condições do lugar.

Se a comunidade for numerosa, o celeireiro seja dispensado da cozinha, ou, como dissemos, os que estiverem ocupados em trabalhos mais urgentes; os demais sirvam uns aos outros com caridade.

Quem vai terminar o serviço da semana faça a limpeza no sábado. Lave as toalhas com que os irmãos enxugam as mãos e os pés. Tanto o que sai como o que vai entrar lavem os pés de todos. Devolva ao celeireiro, limpos e inteiros, os utensílios do seu serviço. O celeireiro entregue-os ao que entra, para saber o que entrega e o que recebe de volta.

Uma hora antes da refeição, os que servem na semana recebam cada um um copo de bebida e um pedaço de pão além da porção estabelecida, para que, na hora da refeição, sirvam os seus irmãos sem murmuração e sem cansaço excessivo. Nos dias de festa solene, porém, esperem até depois da Missa.

Logo que terminar o ofício da manhã do domingo, os que entram e os que saem do serviço da semana prostrem-se de joelhos no oratório diante de to-

dos, pedindo as suas orações. Quem sai do serviço da semana diga o seguinte versículo: Benedictus es, Domine Deus, qui adjuvisti me et consolatus es me.

Tendo-o dito três vezes o que sai, e recebida a bênção, siga-se o que entra e diga: Deus in adjutorium meum intende; Domine, ad adjuvandum me festina. E também isto seja repetido três vezes por todos, e, recebida a bênção, comece o seu serviço da semana.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

36 — DOS IRMÃOS DOENTES

✦

Antes de tudo e acima de tudo, deve-se cuidar dos doentes, servindo-os de verdade como ao próprio Cristo; porque Ele disse: "Estive doente e me visitastes". E: "Todas as vezes que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes".

Mas também os próprios doentes considerem que são servidos em honra de Deus, e não entristeçam com exigências desnecessárias os irmãos que os servem. Estes, porém, devem ser suportados com paciência, porque com tais pessoas se ganha uma recompensa mais abundante. Seja, portanto, a maior preocupação do abade que não sofram nenhum descuido.

Reserve-se uma cela para os irmãos doentes e nomeie-se para servi-los um enfermeiro temente a Deus, diligente e cuidadoso. Ofereça-se aos doentes o uso do banho tantas vezes quantas for útil, mas aos sãos, e principalmente aos jovens, conceda-se mais raramente. Do mesmo modo, conceda-se o uso da carne aos doentes e aos muito fracos, para que se recuperem. Mas, quando estiverem restabelecidos, abstenham-se todos da carne, como de costume.

O abade, porém, tenha o máximo cuidado para que os doentes não sejam descuidados pelo celeireiro ou pelos enfermeiros, porque recai sobre ele tudo o que os seus discípulos fizerem de errado.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

37 — DOS VELHOS E DAS CRIANÇAS

✦

Embora a própria natureza humana se incline a ter compaixão dessas idades da vida, isto é, a velhice e a infância, a autoridade da Regra também providencie a respeito delas. Leve-se sempre em conta a sua fraqueza natural, e não se guarde com eles o rigor da Regra quanto à alimentação; mas tenha-se para com eles uma terna consideração, e comam antes das horas regulares.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

38 — DO LEITOR DA SEMANA

✦

Não deve faltar a leitura à mesa dos irmãos enquanto comem. Mas não se atreva a ler ali quem por acaso pegar o livro; e sim aquele que vai ler a semana inteira comece esse ofício no domingo. Depois da Missa e da Comunhão, peça a todos que rezem por ele, para que Deus afaste dele o espírito de soberba. E todos digam três vezes no oratório o seguinte versículo, começando ele: Domine, labia mea aperies, et os meum annuntiabit laudem tuam; e assim, recebida a bênção, comece a leitura.

Guarde-se o mais profundo silêncio, de modo que não se ouça nenhum cochicho nem voz alguma, a não ser a do leitor. Os irmãos, porém, sirvam uns aos outros o que for preciso para comer e beber, de modo que ninguém precise pedir nada. Se, porém, faltar alguma coisa, peça-se antes por algum sinal que por uma palavra. E ninguém se atreva a fazer ali perguntas, nem sobre o livro nem sobre outra coisa, para que não se dê ocasião [ao demônio], a não ser que talvez o superior queira dizer algumas palavras para edificação.

O irmão que é leitor da semana tome um pouco de pão e vinho antes de começar a ler, por causa da Santa Comunhão e para que não lhe seja penoso demais jejuar por tanto tempo. Depois, porém, faça a sua refeição na cozinha com os que servem na semana e com os que servem à mesa. Os irmãos, porém, não leiam nem cantem por turno, mas só aqueles que edificam os ouvintes.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

39 — DA QUANTIDADE DE COMIDA

✦

Levando em conta as fraquezas de cada um, cremos que para a refeição diária, tanto na hora sexta como na nona, bastam em todas as refeições dois pratos cozidos; de modo que quem talvez não puder comer de um faça a sua refeição com o outro. Bastem, pois, a todos os irmãos dois pratos cozidos. E, se houver frutas ou legumes frescos, acrescente-se um terceiro.

Baste para o dia uma libra de pão, quer haja uma só refeição, quer haja almoço e jantar. Se forem jantar, o celeireiro guarde a terça parte da libra para dá-la no jantar.

Se, porém, o trabalho tiver sido especialmente pesado, fica ao critério e ao poder do abade acrescentar alguma coisa, se julgar conveniente, evitando acima de tudo todo excesso, para que o monge não seja tomado de indigestão. Pois nada é tão contrário aos cristãos como o excesso, como diz Nosso Senhor: "Cuidai que os vossos corações não fiquem pesados pela glutonaria".

Às crianças pequenas, contudo, não se sirva a mesma quantidade, mas menos que aos mais velhos, guardando-se a medida em todas as coisas.

Mas todos, exceto os muito fracos e os doentes, abstenham-se por completo de comer carne de quadrúpedes.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

40 — DA QUANTIDADE DE BEBIDA

✦

"Cada um recebeu de Deus o seu dom particular, um de um modo e outro de outro". Por isso é com algum receio que determinamos a medida do alimento dos outros. Contudo, levando em conta a fraqueza dos doentes, cremos que basta a cada um uma hemina de vinho por dia. Mas aqueles a quem Deus concede a força de se abster, saibam que terão uma recompensa especial.

Se as condições do lugar, o trabalho ou o calor do verão exigirem mais, dependa isso do juízo do superior, que deve cuidar acima de tudo que não se introduzam o excesso ou a embriaguez.

Embora leiamos que o vinho não é próprio de monges, como nos nossos tempos não se consegue convencer disso os monges, concordemos ao menos nisto: não beber até a saciedade, mas com moderação, porque "o vinho faz cair até os sábios". Mas onde a pobreza do lugar não permitir que se tenha a medida acima dita, mas muito menos, ou nada, os que ali vivem bendigam a Deus e não murmurem. Isto recomendamos acima de tudo: que vivam sem murmuração.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

41 — A QUE HORAS OS IRMÃOS DEVEM FAZER AS REFEIÇÕES

✦

Da santa Páscoa até Pentecostes, os irmãos almocem na hora sexta e jantem à tarde. De Pentecostes em diante, contudo, durante todo o verão, se os monges não tiverem trabalho no campo e o calor excessivo não atrapalhar, jejuem às quartas e sextas-feiras até a hora nona; mas nos outros dias almocem na hora sexta.

Continue-se com o almoço na hora sexta se tiverem trabalho no campo ou se o calor do verão for forte. O abade providencie isso; e disponha e ajuste tudo de modo que as almas se salvem e que os irmãos façam o que fazem sem motivo justo para murmurar. Dos idos de setembro até o início da Quaresma, almocem sempre na hora nona. Na Quaresma, porém, até a Páscoa, almocem à tarde.

Mas disponha-se essa hora da tarde de tal modo que não precisem de luz de lâmpada durante a refeição; e tudo termine enquanto ainda é dia. Em todo tempo, porém, a hora das refeições, seja do almoço, seja do jantar, seja disposta de modo que tudo se faça com a luz do dia.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

42 — QUE NINGUÉM FALE DEPOIS DAS COMPLETAS

✦

Os monges devem dedicar-se sempre ao silêncio, mas principalmente durante as horas da noite. Por isso, todos os dias, sejam de jejum ou de almoço, logo que se levantarem da refeição da tarde, sentem-se todos juntos num mesmo lugar, e um leia as Conferências ou as Vidas dos Padres, ou outra coisa que edifique os ouvintes; não, porém, o Heptateuco nem os Livros dos Reis, porque não seria proveitoso para os espíritos fracos ouvir essa parte da Escritura àquela hora; sejam lidos, porém, em outros momentos.

Mas, se for dia de jejum, então, ditas as Vésperas e depois de um breve intervalo, reúnam-se logo para a leitura das Conferências, como dissemos; e, lidas quatro ou cinco páginas, ou quanto a hora permitir, e reunidos todos num mesmo lugar durante a leitura, venha também quem por acaso estiver ocupado em algum trabalho que lhe foi mandado.

Reunidos, pois, todos num mesmo lugar, digam as Completas, e, saindo das Completas, não haja mais licença daí em diante para ninguém dizer coisa alguma.

Se, porém, alguém for achado quebrando esta regra, sofra um castigo pesado, a não ser que surja a necessidade de atender hóspedes ou que o abade talvez dê alguma ordem a alguém. Mas mesmo isso se faça com a máxima gravidade e moderação.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

43 — DOS QUE CHEGAM ATRASADOS AO OFÍCIO DIVINO OU À MESA

✦

Logo que se ouvir o sinal da hora do Ofício Divino, cada um, deixando o que tiver nas mãos, acorra com toda a pressa, mas com gravidade, para que não haja motivo de leviandade. Nada, portanto, se anteponha ao Ofício Divino.

Se nas Matinas alguém chegar depois do Glória do salmo 94, que por isso queremos que seja dito bem devagar e prolongado, não fique no seu lugar no coro; mas fique em último lugar, ou num lugar que o abade tenha separado para esses descuidados, para que seja visto por ele e por todos, até que, terminado o Ofício Divino, dê satisfação por uma penitência pública.

A razão pela qual achamos que devem ficar em último lugar, ou à parte dos demais, é esta: vistos por todos, emendem-se ao menos por vergonha. Pois, se ficassem fora do oratório, talvez houvesse quem voltasse a dormir, ou ao menos se sentasse lá fora, se entregasse a conversas vãs e desse "ocasião ao demônio". Entre, pois, para que não perca tudo e se emende para o futuro.

Nas horas do dia, porém, quem não chegar ao Ofício Divino até o versículo e o Glória do primeiro salmo, que se diz depois do versículo, fique em último lugar, segundo a norma que expusemos acima; e não se atreva a juntar-se ao coro dos que cantam antes de ter dado satisfação, a não ser que talvez a licença do abade o permita, com a condição de reparar depois a falta.

Se alguém não chegar à mesa antes do versículo, para que todos digam juntos o versículo, rezem e se sentem à mesa ao mesmo tempo, seja corrigido duas vezes por isso, se faltou por culpa e negligência sua. Se depois disso não se emendar, não lhe seja permitido comer à mesa comum; mas, separado da companhia de todos, coma sozinho, sendo-lhe tirada a sua porção de vinho, até que dê satisfação e se emende. Sofra o mesmo quem também não estiver presente ao versículo que se diz depois da refeição.

E ninguém se atreva a tomar comida ou bebida antes ou depois da hora marcada. Mas, se o superior oferecer alguma coisa a um irmão e ele se recusar a aceitá-la, e depois desejar o que antes recusou ou outra coisa, não receba absolutamente nada até dar a devida satisfação.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

44 — DOS EXCOMUNGADOS: COMO DÃO SATISFAÇÃO

✦

Quem for excomungado do oratório e da mesa por faltas mais graves, na hora em que se celebra o Ofício Divino no oratório, fique prostrado, com o rosto em terra, em silêncio, diante da porta do oratório, aos pés de todos os que saem. E faça isso até que o abade julgue que basta.

Quando então vier a uma ordem do abade, lance-se aos pés do abade e depois aos pés de todos, para que rezem por ele. Se então o abade mandar, seja recebido de volta no coro, no lugar que o abade indicar; de modo, porém, que não se atreva a entoar no oratório salmo, leitura ou outra coisa, a não ser que o abade de novo lho mande.

Depois, em todas as horas, terminado o Ofício Divino, prostre-se por terra no lugar onde está, e assim dê satisfação, até que o abade lhe mande enfim cessar essa penitência.

Mas os que forem excomungados só da mesa, por faltas mais leves, deem satisfação no oratório enquanto o abade mandar, e façam isso até que ele lhes dê a bênção e diga: "Basta".

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

45 — DOS QUE ERRAM NO ORATÓRIO

✦

Se alguém, ao recitar um salmo, um responsório, uma antífona ou uma leitura, se enganar e não se humilhar ali mesmo diante de todos, dando satisfação, sofra um castigo maior, porque não quis corrigir pela humildade o que errou por negligência. As crianças, porém, sejam castigadas com varas por essa falta.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

46 — DOS QUE FALTAM EM QUAISQUER OUTRAS COISAS

✦

Se alguém, ocupado em algum trabalho, na cozinha, na despensa, no serviço, na padaria, na horta, em algum ofício ou trabalho em qualquer lugar, cometer alguma falta, ou quebrar ou perder alguma coisa, ou transgredir de qualquer modo, e não vier logo diante do abade e da comunidade confessar espontaneamente a sua falta e dar satisfação, e ela se tornar conhecida por outro, seja submetido a uma correção maior.

Se, porém, a causa da falta for secreta, revele-a só ao abade, ou aos seus superiores espirituais, que sabem curar as próprias feridas e não descobrir e tornar públicas as dos outros.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

47 — DO SINAL PARA A HORA DO OFÍCIO DIVINO

✦

Seja cuidado do abade que a hora do Ofício Divino seja anunciada de dia e de noite; ou anunciando-a ele mesmo, ou confiando esse encargo a um irmão cuidadoso, para que tudo se faça na hora devida.

Os que forem designados entoem os salmos ou as antífonas, cada um na sua vez, depois do abade. Ninguém, porém, se atreva a cantar ou ler se não for capaz de desempenhar esse ofício de modo que os ouvintes se edifiquem; e faça-o com humildade, gravidade e reverência aquele a quem o abade mandar.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

48 — DO TRABALHO DIÁRIO

✦

A ociosidade é inimiga da alma; por isso os irmãos devem ocupar-se em certas horas no trabalho manual e, em outras, na leitura espiritual. Por isso cremos que o tempo de cada uma dessas coisas ficará bem ordenado com a seguinte disposição: da Páscoa até as calendas de outubro, saiam de manhã, da primeira até mais ou menos a quarta hora, para fazer o trabalho necessário; e da quarta até mais ou menos a sexta hora dediquem-se à leitura.

Depois da hora sexta, porém, levantando-se da mesa, descansem nas suas camas em completo silêncio; ou, se talvez alguém quiser ler para si, leia de modo que não incomode os outros. Diga-se a Noa um pouco mais cedo, pelo meio da oitava hora; e depois trabalhem de novo no que for necessário até as Vésperas.

Se, porém, as necessidades do lugar ou a pobreza exigirem que eles mesmos façam o trabalho da colheita, não se entristeçam, porque então são verdadeiramente monges, se vivem do trabalho das suas mãos, como também os nossos pais e os Apóstolos. Mas, por causa dos fracos de ânimo, faça-se tudo com moderação.

Das calendas de outubro até o início da Quaresma, dediquem-se à leitura até o fim da segunda hora. Na segunda hora diga-se a Terça, e depois todos se ocupem no trabalho que lhes foi designado até a hora nona. Quando, porém, for dado o primeiro sinal da hora de Noa, cada um deixe o trabalho e esteja pronto quando soar o segundo sinal. Mas depois da refeição dediquem-se à leitura ou aos salmos.

No tempo da Quaresma, dediquem-se à leitura desde a manhã até o fim da terceira hora, e até a décima hora façam o trabalho que lhes for imposto. Nesses dias de Quaresma, recebam todos livros da biblioteca e leiam-nos por inteiro, em ordem. Esses livros devem ser entregues no começo do tempo da Quaresma.

Acima de tudo, designem-se um ou dois dos anciãos para andarem pelo mosteiro durante o tempo que os irmãos dedicam à leitura e observarem, para não acontecer de se encontrar algum irmão preguiçoso que se entregue à ociosidade ou a conversas vãs, e não se aplique à leitura, e seja inútil não só para si mesmo, mas perturbe também os outros.

Se for encontrado alguém assim (Deus nos livre), seja castigado uma e duas vezes. Se não se emendar, fique sujeito à correção da Regra, de tal modo que os outros temam. E não se junte irmão com irmão em horas indevidas.

Também no domingo dediquem-se todos à leitura, exceto os que estão designados para os diversos ofícios. Mas, se alguém for tão descuidado e preguiçoso que não queira ou não possa meditar ou ler, dê-se-lhe algum trabalho para fazer, para que não fique ocioso.

Aos irmãos fracos e doentes dê-se um trabalho ou encargo tal que não fiquem ociosos, nem se cansem tanto com o peso do trabalho que acabem indo embora. O abade deve levar em conta a fraqueza deles.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

49 — DA OBSERVÂNCIA DA QUARESMA

✦

A vida do monge deveria ser sempre uma observância de Quaresma. Mas, como essa virtude é de poucos, aconselhamos que nesses dias da Quaresma guarde a sua vida com toda a pureza e, ao mesmo tempo, lave nesses dias santos todas as negligências dos outros tempos. Isso será feito dignamente se nos abstivermos de todos os vícios. Dediquemo-nos à oração com lágrimas, à leitura, à compunção do coração e à abstinência.

Nesses dias, portanto, acrescentemos alguma coisa à medida habitual do nosso serviço: orações especiais, abstinência de comida e de bebida; de modo que cada um ofereça a Deus "com a alegria do Espírito Santo", por vontade própria, alguma coisa além da medida que lhe é prescrita; isto é, tire do seu corpo um pouco de comida, de bebida, de sono, de conversa, de brincadeira, e espere a santa Páscoa com a alegria do desejo espiritual.

Cada um, porém, comunique ao seu abade o que oferece, e faça-o com a sua aprovação e bênção; porque o que se faz sem licença do pai espiritual será atribuído à presunção e à vanglória, e não ao mérito. Faça-se, pois, tudo com a aprovação do abade.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

50 — DOS IRMÃOS QUE TRABALHAM LONGE DO ORATÓRIO OU ESTÃO EM VIAGEM

✦

Os irmãos que estão trabalhando muito longe e não podem chegar ao oratório na hora marcada — e o abade tiver verificado que é assim — façam o Ofício Divino ali onde trabalham, no temor de Deus e de joelhos. Do mesmo modo, os que são enviados em viagem não deixem passar as horas marcadas; mas rezem o ofício sozinhos, como puderem, e não descuidem de cumprir a obrigação do serviço divino.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

51 — DOS IRMÃOS QUE NÃO VÃO PARA MUITO LONGE

✦

O irmão que é enviado a algum negócio e deve voltar ao mosteiro no mesmo dia não se atreva a comer fora, mesmo que insistentemente lho peçam, a não ser que o seu abade lho mande. Se fizer o contrário, seja excomungado.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

52 — DO ORATÓRIO DO MOSTEIRO

✦

Seja o oratório o que o nome indica, e nada mais se faça ou se guarde ali. Terminado o Ofício Divino, saiam todos no mais profundo silêncio, e mostre-se reverência a Deus; para que o irmão que talvez queira rezar em particular não seja impedido pela falta de compostura de outro.

Mas, se talvez outro quiser rezar sozinho em particular, entre com simplicidade e reze, não em voz alta, mas com lágrimas e fervor do coração. Por isso, quem não reza desse modo não tenha permissão de ficar no oratório depois de terminado o Ofício Divino, como dissemos, para que outro não seja incomodado.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

53 — DA RECEPÇÃO DOS HÓSPEDES

✦

Todos os hóspedes que chegarem sejam recebidos como Cristo, porque Ele dirá: "Era forasteiro e me acolhestes". E a todos se preste a devida honra, principalmente aos "irmãos na fé" e aos peregrinos.

Quando, pois, for anunciado um hóspede, o superior e os irmãos vão ao seu encontro com todas as mostras de caridade. Primeiro rezem juntos, e depois se unam uns aos outros na paz. Esse beijo da paz não deve ser dado antes de se ter feito uma oração, por causa dos enganos de Satanás. Na saudação mostre-se toda a humildade aos hóspedes, tanto na chegada quanto na partida; com a cabeça inclinada ou com o corpo todo prostrado por terra, adore-se neles Cristo, que é também quem se recebe.

Recebidos os hóspedes, sejam conduzidos à oração, e depois o superior, ou quem ele mandar, sente-se com eles. Leia-se ao hóspede a lei divina, para que se edifique, e depois mostre-se-lhe toda a bondade. O superior quebre o jejum em atenção ao hóspede, a não ser que talvez seja um dia de jejum solene, que não pode ser quebrado. Os irmãos, porém, guardem o jejum de costume.

O abade derrame a água sobre as mãos do hóspede, e tanto o abade como toda a comunidade lavem os pés de todos os hóspedes. Depois de lavados, digam este versículo: "Recebemos, ó Deus, a tua misericórdia no meio do teu templo".

Tenha-se o maior cuidado principalmente na recepção dos pobres e dos peregrinos, porque neles se recebe Cristo de modo especial; já a consideração pelos ricos por si mesma lhes garante respeito.

A cozinha do abade e dos hóspedes seja à parte, para que os irmãos não sejam perturbados pelos hóspedes, que chegam em horas incertas e nunca faltam no mosteiro. Entrem nessa cozinha, por um ano, dois irmãos capazes de desempenhar bem esse ofício.

Dê-se-lhes ajuda conforme precisarem, para que sirvam sem murmuração; e, quando não tiverem bastante o que fazer, saiam de novo para o trabalho que lhes for mandado. Siga-se esse critério não só nesse ofício, mas em todos os ofícios do mosteiro: que, sempre que os irmãos precisarem de ajuda, ela lhes seja dada, e que, quando não tiverem o que fazer, obedeçam de novo às ordens.

Ademais, confie-se também a um irmão temente a Deus a hospedaria, onde haja camas arrumadas em número suficiente; e a casa de Deus seja governada sabiamente por sábios.

De modo nenhum se junte ou fale com os hóspedes quem não tiver ordem para isso; mas, se os encontrar ou os vir, depois de saudá-los humildemente, como dissemos, e de pedir a bênção, siga adiante, dizendo que não lhe é permitido falar com hóspedes.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

54 — SE O MONGE DEVE RECEBER CARTAS OU QUALQUER OUTRA COISA

✦

De modo nenhum seja permitido ao monge dar ou receber cartas, lembranças ou presentes de qualquer tipo, seja dos pais, seja de qualquer outra pessoa, nem uns dos outros, sem licença do abade. E, mesmo que os pais lhe mandem alguma coisa, não se atreva a aceitá-la antes de ter dado conhecimento ao abade. E, se este mandar aceitá-la, fique em poder do abade dá-la a quem quiser.

E não se entristeça o irmão a quem por acaso tinha sido enviada, para que "não se dê ocasião ao demônio". Mas quem se atrever a fazer o contrário fique sujeito à disciplina da Regra.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

55 — DAS ROUPAS E DO CALÇADO DOS IRMÃOS

✦

Deem-se roupas aos irmãos conforme as condições do lugar e o clima em que vivem, porque nas regiões frias é preciso mais, e nas quentes, menos. Essa consideração cabe, portanto, ao abade.

Cremos, contudo, que num clima temperado bastam a cada monge uma cogula e uma túnica — uma cogula de lã para o inverno e uma leve ou usada para o verão —, um escapulário para o trabalho, e meias e sapatos para cobrir os pés. Os monges não se preocupem com a cor nem com a qualidade de todas essas coisas, mas sejam as que se puderem comprar mais barato.

O abade, porém, cuide da medida, para que essas roupas não sejam curtas demais, mas ajustadas a quem as vai usar.

Os que recebem roupas novas devolvam sempre as velhas, para serem guardadas no vestiário para os pobres. Pois basta ao monge ter duas túnicas e duas cogulas, para usar de noite e para lavar. Por conseguinte, o que passar disso é supérfluo e deve ser tirado. Do mesmo modo, devolvam as meias e tudo o que é velho quando receberem algo novo.

Os que são enviados em viagem recebam do vestiário calções, que, ao voltar, devolverão lá, lavados. Também as cogulas e as túnicas sejam um pouco melhores do que as que usam habitualmente; recebem-nas do vestiário ao partir em viagem e devolvem-nas ao voltar.

Para a cama bastem um colchão de palha, um cobertor, uma colcha e um travesseiro. Essas camas, porém, devem ser examinadas com frequência pelo abade, para que não se encontrem coisas pessoais. E, se se encontrar com alguém alguma coisa que não recebeu do abade, fique sujeito à mais severa disciplina.

E, para que esse vício da propriedade particular seja cortado pela raiz, o abade dê tudo o que é necessário, isto é: cogula, túnica, meias, sapatos, cinto, faca, pena, agulha, toalha, tabuinha de escrever; para que se tire todo pretexto de necessidade.

A esse respeito, contudo, o abade tenha sempre presente esta frase dos Atos dos Apóstolos: "E distribuía-se a cada um conforme a sua necessidade". Desse modo, portanto, o abade leve em conta as fraquezas dos necessitados, e não a má vontade dos invejosos. Mas em todas as suas decisões pense o abade na retribuição de Deus.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

56 — DA MESA DO ABADE

✦

A mesa do abade seja sempre com os hóspedes e os peregrinos. Quando, porém, não houver hóspedes, esteja em seu poder convidar os irmãos que quiser. Providencie, porém, que um ou dois dos anciãos fiquem sempre com os irmãos, por causa da disciplina.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

57 — DOS ARTESÃOS DO MOSTEIRO

✦

Se houver artesãos no mosteiro, exerçam a sua arte com toda a humildade, se o abade o permitir. Mas, se algum deles se envaidecer por causa da sua arte, por parecer que traz algum proveito ao mosteiro, seja tirado desse trabalho e não volte a ele, a não ser que, depois de se humilhar, o abade de novo lho mande.

Mas, se alguma obra dos artesãos tiver de ser vendida, cuidem aqueles por cujas mãos deve passar a venda de não se atreverem a cometer nenhuma fraude contra o mosteiro. Lembrem-se sempre de Ananias e Safira, para que talvez a morte que estes sofreram no corpo não a sofram na alma eles e todos os que cometerem alguma fraude com os bens do mosteiro.

Quanto aos preços dessas coisas, por outro lado, não se introduza o vício da avareza, mas venda-se sempre um pouco mais barato do que podem vender os seculares, para que em tudo Deus seja glorificado.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

58 — DO MODO DE ADMITIR OS IRMÃOS

✦

Não se dê entrada fácil a quem chega de novo para mudar de vida; mas, como diz o Apóstolo, "Provai os espíritos, para ver se são de Deus". Se, portanto, o recém-chegado continuar batendo e, depois de quatro ou cinco dias, se vir que suporta com paciência o tratamento áspero que lhe dão e a dificuldade da entrada, e que persevera no seu pedido, conceda-se-lhe a entrada, e more alguns dias na hospedaria.

Depois, porém, more na casa dos noviços, e ali medite, coma e durma. Designe-se também para ele um ancião capaz de ganhar almas, que o observe com muito cuidado e veja se ele busca de verdade a Deus, se é zeloso do Ofício Divino, da obediência e das humilhações. Mostrem-se-lhe todas as coisas duras e ásperas pelas quais se vai a Deus.

Se prometer permanecer firme, leia-se-lhe esta Regra por inteiro depois de dois meses, e diga-se-lhe: "Eis a lei sob a qual queres combater. Se podes guardá-la, entra; se, porém, não podes, vai-te livremente". Se ainda perseverar, seja levado de volta à referida casa dos noviços e seja provado de novo com toda a paciência.

E, passados seis meses, leia-se-lhe outra vez a Regra, para que saiba para que entra. E, se ainda continuar firme, leia-se-lhe de novo a mesma Regra depois de quatro meses.

E se, depois de ponderar o assunto consigo mesmo, prometer guardar tudo e fazer tudo o que lhe for mandado, então seja recebido na comunidade, sabendo que agora está posto sob a lei da Regra e que, daquele dia em diante, já não lhe é permitido tirar o pescoço do jugo da Regra, que, depois de tão longa deliberação, era livre para recusar ou aceitar.

Quem é recebido prometa no oratório, diante de todos, perante Deus e os seus santos, a estabilidade, a conversão dos costumes e a obediência, para que, se algum dia fizer o contrário, saiba que será condenado por Deus, "de quem zomba". Faça por escrito a sua promessa, em nome dos santos cujas relíquias ali estão e do abade presente.

Escreva esse documento com a própria mão; ou, ao menos, se não souber escrever, outro o escreva a pedido dele, e o noviço ponha o seu sinal e, com a própria mão, o coloque sobre o altar. Depois de o ter colocado ali, o noviço comece logo o versículo: "Sustenta-me, Senhor, segundo a tua palavra, e viverei; e não me confundas na minha esperança". Então toda a comunidade repita três vezes esse versículo, acrescentando o Gloria Patri.

Então esse irmão noviço prostre-se aos pés de todos, para que rezem por ele; e daquele dia em diante seja contado na comunidade. Se tiver alguns bens, primeiro ou os distribua aos pobres ou os doe ao mosteiro por uma doação formal, sem reservar nada para si, pois deve saber que daquele dia em diante já não terá poder nem sobre o próprio corpo.

Seja, pois, despido logo no oratório das roupas com que está vestido, e vestido com o hábito do mosteiro. Mas as roupas que tirou sejam guardadas no vestiário, para que, se algum dia, por persuasão do demônio, consentir em deixar o mosteiro (Deus nos livre), seja então despojado do hábito mo-

nástico e mandado embora. Não receba, porém, o documento da sua profissão, que o abade tirou do altar, mas seja ele guardado no mosteiro.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

59 — DOS FILHOS DOS NOBRES E DOS POBRES QUE SÃO OFERECIDOS

✦

Se acontecer de um nobre oferecer o seu filho a Deus no mosteiro, e o menino for de tenra idade, os pais façam a promessa escrita de que falamos acima; e, junto com a oferenda, envolvam esse documento e a mão do menino na toalha do altar, e assim o ofereçam.

Quanto aos seus bens, obriguem-se com juramento, no mesmo documento, a nunca lhe dar coisa alguma, nem por si mesmos, nem por outra pessoa, nem de modo nenhum, nem deixar-lhe ocasião de possuir alguma coisa; ou então, se se recusarem a isso e quiserem fazer uma oferta ao mosteiro como esmola em benefício próprio, façam ao mosteiro doação dos bens que quiserem dar, reservando para si a renda, se assim desejarem. E feche-se tudo de tal modo que no menino não fique nenhuma dúvida que possa enganá-lo e arruiná-lo (Deus nos livre) — coisa que aprendemos por experiência.

Façam o mesmo os que são pobres. Mas os que não têm absolutamente nada façam simplesmente a declaração e, com a oferenda, ofereçam o seu filho diante de testemunhas.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

60 — DOS SACERDOTES QUE QUEIRAM VIVER NO MOSTEIRO

✦

Se um sacerdote pedir para ser recebido no mosteiro, não se lhe conceda o consentimento depressa demais; mas, se persistir com insistência no pedido, saiba que deverá guardar toda a disciplina da Regra e que nada será abrandado em seu favor, para que seja como está escrito: "Amigo, a que vieste?"

Poderá, porém, ser-lhe concedido ficar logo depois do abade, dar a bênção ou celebrar a Missa, mas só se o abade lho mandar; e, se não lho mandar, não se atreva a fazer coisa alguma, a nenhum pretexto, sabendo que está sob a disciplina da Regra; e dê antes a todos exemplos de humildade. Mas, se se tratar de algum cargo no mosteiro ou de qualquer outro assunto, seja contado pelo tempo da sua entrada no mosteiro, e não pelo lugar que lhe foi concedido em consideração ao sacerdócio.

Mas, se algum clérigo, movido pelo mesmo desejo, quiser entrar para o mosteiro, tenha também ele um lugar intermediário, desde que prometa guardar a Regra e a estabilidade.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

61 — COMO SE DEVEM RECEBER OS MONGES ESTRANGEIROS

✦

Se um monge estrangeiro chegar de um lugar distante e quiser morar no mosteiro como hóspede, e estiver satisfeito com os costumes que ali encontra, e não perturbar o mosteiro com exigências supérfluas, mas se contentar com o que encontra, seja recebido pelo tempo que quiser.

E, se com razão, com humildade e caridade, criticar ou apontar alguma coisa, o abade considere com prudência se o Senhor não o terá enviado justamente para isso. Se depois quiser firmar a sua estabilidade, não se lhe negue esse desejo, principalmente porque a sua vida pôde ser conhecida durante o tempo em que foi hóspede.

Mas, se durante o tempo em que foi hóspede se mostrou importuno e desregrado, não só não deve ser associado à comunidade monástica, mas deve até ser convidado com delicadeza a ir embora, para que os outros não sejam contagiados pela sua má vida.

Mas, se não foi tal que mereça ser mandado embora, não só deve ser admitido na comunidade, se o pedir, mas deve até ser convencido a ficar, para que os outros sejam ensinados pelo seu exemplo, porque em toda parte servimos a um só Senhor e combatemos sob um só Rei. Se o abade o reconhecer como tal, poderá também colocá-lo num lugar um pouco mais alto.

O abade pode, porém, colocar não só um monge, mas também os dos graus acima referidos de sacerdotes e clérigos, num lugar mais alto que o da sua

entrada, se vir que a vida deles o merece. Mas cuide o abade de nunca admitir para morar um monge de outro mosteiro conhecido sem o consentimento do seu abade ou cartas de recomendação, porque está escrito: "O que não queres que te façam, não o faças a outro".

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

62 — DOS SACERDOTES DO MOSTEIRO

✦

Se o abade quiser que se ordene um sacerdote ou um diácono, escolha dentre os seus monges alguém que seja digno de exercer o sacerdócio.

Mas quem foi ordenado guarde-se da arrogância e da soberba, e não se atreva a fazer nada senão o que o abade lhe mandar, sabendo que agora está muito mais sujeito à disciplina da Regra; e, por causa do sacerdócio, não se esqueça da obediência e da disciplina da Regra, mas progrida cada vez mais em direção a Deus.

Conserve, porém, sempre o lugar que tinha quando entrou no mosteiro, exceto quando estiver exercendo as funções sagradas, a não ser que a escolha da comunidade e a vontade do abade o tenham promovido em reconhecimento do mérito da sua vida. Saiba, porém, que deve observar a regra estabelecida pelos decanos e pelos superiores.

Se fizer o contrário, seja julgado não como sacerdote, mas como rebelde; e se, depois de muitas advertências, não se emendar e a sua culpa ficar claramente provada, seja expulso do mosteiro, desde que a sua obstinação seja tal que não queira submeter-se nem obedecer à Regra.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

63 — DA ORDEM NO MOSTEIRO

✦

Guardem todos no mosteiro a sua ordem de tal modo que a determinem o tempo da sua conversão e o mérito da sua vida, ou conforme o abade tiver estabelecido. O abade não perturbe o rebanho que lhe foi confiado, nem, usando arbitrariamente do seu poder, disponha alguma coisa injustamente; mas tenha sempre presente que terá de prestar contas a Deus de todos os seus juízos e obras.

Por isso, na ordem que ele estabeleceu, ou que os irmãos tinham, aproximem-se para o beijo da paz e para a Comunhão, entoem os salmos e fiquem no coro.

E em lugar nenhum a idade determine a ordem ou seja motivo de prejuízo; porque Samuel e Daniel, ainda meninos, julgaram os anciãos. Excetuados, por conseguinte, aqueles que, como dissemos, o abade promoveu por motivos mais altos ou rebaixou por certas razões, todos os outros tomem o seu lugar conforme se converteram: assim, por exemplo, quem entrou no mosteiro na segunda hora do dia saiba que é mais novo do que quem entrou na primeira hora, qualquer que seja a sua idade ou dignidade.

As crianças devem ser mantidas sob disciplina em todo tempo e por todos. Por isso, os mais novos honrem os mais velhos, e os mais velhos amem os mais novos.

Ao se nomearem uns aos outros, a ninguém seja permitido chamar outro pelo nome simples; mas os mais velhos chamem os mais novos de "irmãos",

e os mais novos chamem os mais velhos de "padres", palavra que indica a reverência devida a um pai.

Mas o abade, porque se crê que ocupa o lugar de Cristo, seja chamado "senhor" e "abade", não por pretensão sua, mas por amor e reverência a Cristo. Pense ele nisso e se mostre de tal modo que seja digno de tal honra.

Onde quer, então, que os irmãos se encontrem, o mais novo peça a bênção ao mais velho; e, quando passar o mais velho, o mais novo se levante e lhe dê lugar para sentar; e o mais novo não se atreva a sentar-se com ele se o mais velho não lho mandar, para que se faça como está escrito: "Antecipando-vos uns aos outros na honra".

As crianças e os meninos ocupem os seus lugares no oratório e à mesa com toda a disciplina; fora, porém, ou onde quer que estejam, fiquem sob guarda e disciplina até chegarem à idade do entendimento.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

64 — DA ELEIÇÃO DO ABADE

✦

Na eleição do abade, observe-se sempre como regra que seja posto no cargo aquele que toda a comunidade, de comum acordo, no temor de Deus, ou mesmo uma pequena parte da comunidade, com juízo mais sensato, eleger. Mas quem vai ser eleito seja escolhido pelo mérito da vida e pela sabedoria da doutrina, ainda que seja o último na comunidade.

Mas, mesmo que toda a comunidade, de comum acordo, eleja alguém que aceite ser conivente com os seus maus costumes (Deus nos livre), e esses desmandos chegarem de algum modo ao conhecimento do bispo a cuja diocese pertence o lugar, ou dos abades vizinhos, ou do povo cristão, não permitam que prevaleça o conluio dos maus, mas estabeleçam sobre a casa de Deus um administrador digno, sabendo que receberão uma recompensa abundante por isso, se o fizerem com intenção pura e zelo santo; e que, ao contrário, pecam se o descuidarem.

Mas, depois de eleito, o abade tenha presente que peso tão grande assumiu e a quem terá de prestar contas da sua administração; e esteja convencido de que lhe convém mais servir que mandar. Deve, portanto, ser versado na lei divina, para que saiba de onde "tirar coisas novas e velhas". Seja casto, sóbrio e misericordioso, e ponha sempre "a misericórdia acima do juízo", para que também ele alcance misericórdia.

Odeie os vícios, mas ame os irmãos. E até nas suas correções proceda com prudência e não exagere, para que, querendo raspar demais a ferrugem, não quebre o vaso. Tenha sempre em mente a sua própria fraqueza e lembre-se

de que "não se deve quebrar a cana rachada". Com isso não dizemos que deve deixar crescer os males, mas que os corte com prudência e caridade, como vir que é melhor para cada um, como já dissemos; e procure ser mais amado que temido.

Não seja agitado nem ansioso, nem exigente demais, nem teimoso; não seja ciumento nem desconfiado, porque nunca terá descanso. Em todas as suas ordens, quer se refiram às coisas espirituais quer às temporais, seja cauteloso e ponderado.

Seja discreto e moderado nos trabalhos que manda, lembrando-se da discrição do santo Jacó, que diz: "Se eu fizer os meus rebanhos andarem demais, morrerão todos num só dia". Tendo em vista esses e outros ensinamentos da discrição, mãe das virtudes, regule tudo de tal modo que os fortes ainda tenham o que desejar e os fracos não fujam.

Acima de tudo, cuide de guardar esta Regra em todos os seus pontos; para que, tendo servido bem, ouça do Senhor o que ouviu o bom servo que deu aos seus companheiros o trigo no tempo certo: "Em verdade vos digo", diz Ele, "que o porá à frente de todos os seus bens".

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

65 — DO PRIOR DO MOSTEIRO

✦

Acontece muitas vezes, de fato, que da nomeação do prior surgem graves escândalos nos mosteiros; pois há alguns que, inchados pelo espírito maligno da soberba e julgando-se segundos abades, se arrogam um poder tirânico, alimentam escândalos e provocam discórdias na comunidade, principalmente naqueles lugares em que o prior é nomeado pelo mesmo bispo ou pelos mesmos abades que nomeiam o seu abade.

É fácil ver como isso é insensato; porque, desde o início da sua nomeação, dá-se-lhe motivo de soberba, quando os seus pensamentos lhe sugerem que agora está isento da autoridade do abade, porque "também tu foste nomeado por aqueles que nomearam o abade". Daí nascem a inveja, a discórdia, a calúnia, as rixas, o ciúme e as desordens.

Estando assim em desacordo o abade e o prior, é forçoso que as suas almas corram perigo por essa discórdia e que os que estão sob eles, enquanto adulam as partes, caminhem para a ruína. A culpa desse mal recai sobre a cabeça dos que foram autores de tais desordens.

Prevemos, portanto, que para conservar a paz e a caridade o melhor é que o governo do mosteiro dependa da vontade do abade; e, se for possível, que os assuntos do mosteiro (como explicamos antes) sejam cuidados pelos decanos, conforme o abade dispuser; para que, sendo o mesmo encargo repartido entre muitos, ninguém se ensoberbeça.

Se, contudo, o lugar o exigir, ou a comunidade o pedir com razão e humildade, e o abade julgar conveniente, o próprio abade nomeie prior quem ele escolher com o conselho de irmãos tementes a Deus. O prior, porém, faça com reverência o que o seu abade lhe mandar, nada fazendo contra a vontade ou as ordens do abade; pois, quanto mais alto está posto acima dos outros, tanto mais cuidadoso deve ser em obedecer aos preceitos da Regra.

Se o prior for achado desregrado ou cego pela vanglória, ou ficar provado que despreza a santa Regra, seja advertido até a quarta vez; se não se emendar, aplique-se-lhe a correção da disciplina regular. Mas, se nem assim se emendar, seja deposto do cargo de prior, e nomeie-se em seu lugar outro que seja digno.

E se, mesmo depois disso, não ficar quieto e submisso na comunidade, seja também expulso do mosteiro. Pense, porém, o abade que terá de prestar contas a Deus de todos os seus juízos, para que talvez a inveja ou o ciúme não queimem a sua consciência.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

66 — DO PORTEIRO DO MOSTEIRO

✦

Ponha-se à porta do mosteiro um ancião sábio, que saiba receber e dar um recado, e cuja idade madura não lhe permita andar vagando.

O porteiro deve ter uma cela junto à porta, para que os que chegam encontrem sempre alguém presente de quem recebam resposta. Logo que alguém bater ou um pobre chamar, responda: "Graças a Deus", ou peça uma bênção, e, com a mansidão do temor de Deus, dê logo a resposta com o fervor da caridade. Se o porteiro precisar de ajuda, tenha um irmão mais novo.

Se for possível, o mosteiro deve ser construído de modo que tudo o que é necessário, como a água, o moinho, a horta, fique dentro do recinto, e que os diversos ofícios se exerçam dentro do mosteiro, para que os monges não tenham necessidade de andar lá fora, porque isso não é bom para as suas almas. Queremos, porém, que esta Regra seja lida muitas vezes na comunidade, para que nenhum dos irmãos se desculpe com a ignorância.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

67 — DOS IRMÃOS QUE SÃO ENVIADOS EM VIAGEM

✦

Os irmãos que vão ser enviados em viagem recomendem-se às orações de toda a comunidade e do abade. E na última oração do Ofício Divino faça-se sempre memória dos irmãos ausentes.

No dia em que os irmãos voltarem da viagem, fiquem prostrados no chão do oratório em todas as horas canônicas, terminado o Ofício Divino, e peçam as orações de todos por causa das faltas, para o caso de os terem surpreendido no caminho a visão do mal ou o som de conversas levianas.

E ninguém se atreva a contar a outro o que viu ou ouviu fora do mosteiro, porque isso é muito prejudicial. Mas, se alguém se atrever a fazê-lo, sofra a pena da Regra. Do mesmo modo seja castigado quem se atrever a sair do recinto do mosteiro, ou a ir a qualquer outro lugar, ou a fazer qualquer coisa, por pequena que seja, sem ordem do abade.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

68 — SE A UM IRMÃO SE MANDAREM COISAS IMPOSSÍVEIS

✦

Se por acaso se mandarem a um irmão tarefas difíceis ou impossíveis, receba ele mesmo assim a ordem de quem manda com toda a mansidão e obediência. Se, porém, vir que o peso da tarefa ultrapassa totalmente as suas forças, exponha ao seu superior, com calma e no momento oportuno, as razões da sua impossibilidade, sem soberba, sem resistência e sem contradizer.

Se, porém, depois da sua explicação, o superior mantiver a ordem, esteja o mais novo convencido de que assim lhe convém; e obedeça por amor, confiando na ajuda de Deus.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

69 — QUE NO MOSTEIRO NINGUÉM SE ATREVA A DEFENDER OUTRO

✦

Deve-se cuidar que em nenhuma ocasião um monge procure defender outro no mosteiro, ou tomar o seu partido, ainda que sejam parentes muito próximos pelo sangue. Que os monges não tentem isso de modo nenhum, porque desse comportamento podem nascer gravíssimos escândalos. Se alguém transgredir esta norma, seja castigado severamente.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

70 — QUE NINGUÉM SE ATREVA A BATER EM OUTRO

✦

Evite-se no mosteiro toda ocasião de presunção. Determinamos que a ninguém seja permitido excomungar ou bater em algum dos seus irmãos, a não ser que o abade lhe tenha dado autoridade para isso. Os que transgredirem, porém, sejam repreendidos diante de todos, para que os outros temam.

Todos, porém, tenham um cuidado diligente e atento com a disciplina das crianças, até os quinze anos de idade; mas também isso com medida e discrição. Pois, se alguém se atrever a castigar os de idade mais avançada sem ordem do abade, ou se irritar sem medida com as crianças, fique sujeito à disciplina da Regra; porque está escrito: "O que não queres que te façam, não o faças a outro".

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

71 — QUE OS IRMÃOS OBEDEÇAM UNS AOS OUTROS

✦

Os irmãos devem prestar o serviço da obediência não só ao abade, mas devem também obedecer assim uns aos outros, sabendo que por esse caminho da obediência irão a Deus. Por isso, salvo a ordem do abade e dos superiores por ele nomeados (à qual não permitimos que se anteponham ordens particulares), no mais os irmãos mais novos obedeçam aos mais velhos com toda a caridade e zelo. Mas, se alguém for achado teimoso, seja castigado.

E se um irmão for castigado de qualquer modo pelo abade ou por algum dos seus superiores, mesmo por motivo pequeno, ou se perceber que o ânimo de algum dos seus superiores está, ainda que levemente, irritado ou alterado contra ele, por pouco que seja, prostre-se logo por terra aos pés dele, dando satisfação, até que a perturbação se acalme com uma bênção. Se alguém desdenhar fazer isso, ou sofra castigo corporal, ou, se for obstinado, seja expulso do mosteiro.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

72 — DO BOM ZELO QUE OS MONGES DEVEM TER

✦

Assim como há um zelo áspero e mau, que separa de Deus e leva ao inferno, assim há um zelo bom, que separa dos vícios e leva a Deus e à vida eterna.

Pratiquem, pois, os monges esse zelo com o mais ardente amor; isto é, antecipem-se uns aos outros na honra. Suportem com a máxima paciência as suas fraquezas, sejam do corpo, sejam do caráter; rivalizem uns com os outros na obediência. Ninguém siga o que julga útil para si, mas antes o que é útil para o outro. Pratiquem a caridade fraterna com amor casto.

Temam a Deus e amem o seu abade com afeto sincero e humilde; nada absolutamente anteponham a Cristo, e que Ele nos leve todos juntos à vida eterna.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

73 — DE QUE NEM TODA A PRÁTICA DA JUSTIÇA ESTÁ ESTABELECIDA NESTA REGRA

✦

Escrevemos esta Regra para que, observando-a nos mosteiros, mostremos ter adquirido ao menos alguma retidão de costumes, ou um começo de vida monástica.

Por outro lado, quem se apressa para a perfeição da vida religiosa tem à mão os ensinamentos dos santos Padres, cuja observância conduz o homem ao cume da perfeição. Pois que página ou que palavra dos livros divinamente inspirados do Antigo e do Novo Testamento não é uma regra exatíssima da vida humana?

Ou que livro dos santos Padres católicos não proclama em alta voz como podemos ir direto ao nosso Criador? Assim também as Conferências dos Padres, as suas Instituições e as suas Vidas, e a regra do nosso santo pai Basílio — que são senão monumentos das virtudes de monges exemplares e obedientes?

Mas para nós, monges preguiçosos, de mau exemplo e negligentes, são motivo de vergonha e confusão.

Tu, por conseguinte, que te apressas para a pátria celeste, cumpre com a ajuda de Cristo esta mínima regra escrita para principiantes; e então, com a

ajuda de Deus, chegarás enfim aos cumes mais altos da doutrina e da virtude de que falamos acima.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0